



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS* XIII
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS**

LORRANA DE ARAÚJO OLIVEIRA

**RETRATOS DA TERNURA: UMA ANÁLISE SOBRE INFÂNCIA E AFETIVIDADE
EM GENI GUIMARÃES**

Itaberaba
2024

LORRANA DE ARAÚJO OLIVEIRA

**RETRATOS DA TERNURA: UMA ANÁLISE SOBRE INFÂNCIA E AFETIVIDADE
EM GENI GUIMARÃES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, *Campus XIII*; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Sacramento
Moreno Gonçalves

Itaberaba
2024

LORRANA DE ARAÚJO OLIVEIRA

**RETRATOS DA TERNURA: UMA ANÁLISE SOBRE INFÂNCIA E AFETIVIDADE
EM GENI GUIMARÃES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Habilitada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa; Universidade do Estado da Bahia; Departamento de Educação, *Campus XIII*; Colegiado do Curso de Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves
Universidade do Estado da Bahia
Orientadora

Profa. Dra. Vanusa Mascarenhas Santos
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora

Profa. Ma. Betty Bastos Lopes Santos
Universidade do Estado da Bahia
Examinadora

DEDICATÓRIA

Aqueles que compreendem a complexidade do afeto e sua importância nas relações humanas, tornando assim o mundo mais acolhedor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por me conceder força e sabedoria durante toda a jornada de elaboração deste TCC.

Também expresso minha gratidão ao Colegiado de Letras da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus XIII, por todo suporte ao longo da minha formação.

Um agradecimento especial é dedicado à minha orientadora, Profa. Dra. Luciana Sacramento Moreno Gonçalves, pela sua orientação precisa, paciência e dedicação ao longo deste trabalho.

Não posso deixar de mencionar minha família, que sempre esteve ao meu lado, oferecendo apoio incondicional. Agradeço especialmente à minha mãe Elijângela Máximo de Araújo e ao meu irmão Lorrano de Araújo Oliveira, pelo apoio incondicional, sua compreensão e encorajamento foram essenciais para a conclusão deste trabalho.

Agradeço também aos demais membros da minha família, incluindo meu padrasto, avós e tias e tios, por sempre estarem ao meu lado. Agradeço também às minhas amigas Maria Joana de Sena Barreto, Camila São José Coelho e Débora de Jesus Rocha, que fizeram parte desse percurso e me ajudaram ao longo do caminho.

Não posso deixar de mencionar Caio Brandão e Sabrina dos Santos Oliveira por todo suporte. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram diretamente ou indiretamente para a realização deste trabalho.

*Sou desde ontem da minha infância, bagagem esfolada, curando
feridas no arquitetar conteúdo para o cofre dos redutos.
Messias dos meus jeitos, sou pastora do meu povo cumprindo
prazerosa o direito e o dever de conduzi-lo para lugares de
harmonias. Meu pote de arma tenho-o descoberto e limpo entre, em
cima, embaixo e no meio do cordel de palavras.*

(GUIMARÃES, 1991, p. 93)

RESUMO

Este trabalho é de cunho documental, tem por objetivo analisar de que forma a infância e afetividade são retratadas em *A cor da ternura* (1991), considerando como as relações familiares, impacta a formação identitária da personagem principal, assim como, sua relação com a escola e comunidade. Em relação aos procedimentos metodológicos, na primeira etapa investigamos as raízes históricas da infância, a importância da afetividade no desenvolvimento infantil e a experiência das crianças negras na sociedade contemporânea. Em seguida, a evolução da literatura infantil e juvenil e sua relevância na promoção da infância negra. E por fim, analisamos as relações afetivas na narrativa, destacando a influência das memórias de infância na jornada emocional da personagem principal. Para a realização dessa pesquisa dialogamos com Philippe Ariés (1983) que fornece um contexto histórico para entender a evolução da concepção de infância. Andréa Simone de Andrade Colin (2019) e Neil Postman (1999) exploram concepção de infância na contemporaneidade. As teorias de Henri Wallon (1968), Nelson Piletti (2008) e Juliana de Oliveira (2022) destacam o papel das emoções no desenvolvimento infantil, com Abigail Alvarenga Mahoney (2007) discutindo as teorias de Wallon. Carol de Andrade Ferreira de Sousa (2020), Eliane dos Santos Cavalleiro (1998) e João Batista Rodrigues (2014) abordam a infância das crianças negras em sociedades marcadas pelo racismo. Abramovich (1997) e Calvino (2009) ressaltam a importância da literatura na formação de identidades. Nelly Novaes Coelho (2000), Ligia Cademartori (2007), Regina Zilberman (2005), Fernanda Abade (2013), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007) oferecem uma visão histórica da literatura infantil e juvenil. Porciúncula (2014) analisa criticamente a representação racial na literatura. Janiele da Silva (2022), Carolaine da Silva dos Santos, Tiago Pereira dos Santos (2022) e Cristiane Veloso de Araújo Pestana (2021) destacam a importância da literatura negra na promoção da identidade positiva das crianças negras. Maria Anória de Jesus Oliveira (2010) enfatiza o poder das obras de escritores negros na valorização da cultura negra. Como resultado destacamos a importância das narrativas autênticas feita por pessoas negras são necessárias para desconstruir estereótipos, enfatizando a representatividade na infância e a promoção da afetividade nas obras. A análise das relações afetivas na narrativa revela o impacto significativo dessas representações na formação da identidade das crianças negras, ressaltando o papel crucial da literatura infantil na construção de uma infância mais inclusiva e diversificada.

Palavras-Chave: Infância; Afetividade; Literatura infantil e juvenil; Geni Guimarães; *A cor da ternura*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
2 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL.....	12
2.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	14
2.2 QUAL É A COR DESSA INFÂNCIA?.....	16
3 DO PASSADO AO PRESENTE: UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL.....	19
3.1 A RELEVÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA PROMOÇÃO DA INFÂNCIA E AFETIVIDADE NEGRA	22
4 O NASCER DE UMA VOZ LITERÁRIA	27
4.1 ENTRE PALAVRAS ESQUECIDAS: O REENCONTRO DA ESCRITORA COM A ARTE.....	27
4.2 ALICERCES: AFETO PARA CRESCER.....	30
4.2.1 POR UMA INFÂNCIA NEGRA MAIS PRÓXIMA.....	38
4.2.2 FAMÍLIA, COMUNIDADE E ESCOLA	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

A literatura infantil e juvenil foi dominada por muito tempo por escritores brancos, cujas obras muitas vezes refletiam uma perspectiva limitada e homogênea da infância e afetividade negra. As experiências e vozes destas foram marginalizadas e negligenciadas dentro desse cenário literário. Esse fato torna escritoras como Geni Guimarães essenciais, pois suas obras representam uma ruptura com esse paradigma, oferecendo novas narrativas, estas que refletem a diversidade e a complexidade das experiências infantis, especialmente as vividas por crianças negras.

Ao desafiar e ao questionar as normas estabelecidas pela literatura infantil e juvenil, as obras de Geni Guimarães e de outros escritores negros abrem espaço para novas vozes e perspectivas, fazendo que ocorra uma representação mais autêntica da infância e afetividade negras. Por isso, a importância de pesquisas que investem na compreensão e valorização dessas temáticas. É por meio dessas investigações que podemos vislumbrar um caminho para alcançar a equidade.

Quando reconhecemos as vivências, os desafios e os interesses das crianças negras na literatura infantil e juvenil, como acontece nas obras de Geni Guimarães, estamos não apenas oferecendo representatividade, mas também promovendo a inclusão e a valorização da diversidade. Essas narrativas não apenas espelham a realidade das infâncias negras, mas também oferecem um espaço onde essas crianças podem se reconhecer e se identificar, uma vez que, esse tipo de literatura desempenha um papel crucial na formação de identidade e na compreensão das complexidades sociais e emocionais que moldam o indivíduo desde a infância.

Portanto, no contexto da representação da infância e afetividade, emerge a obra *A Cor da Ternura* (1991) de Geni Guimarães, como um ponto focal desta investigação. O interesse nessa linha de pesquisa foi inicialmente despertado durante as disciplinas “O Estético e o Lúdico na Literatura Infantil e Juvenil” e “Literatura e Cultura Afro-brasileira”. A partir delas, tivemos contato com escritoras que, muitas vezes, foram apagadas ou marginalizadas pela sociedade, esse despertar para uma literatura mais inclusiva e representativa, levando a refletir sobre o tema da pesquisa.

Levando em conta que o *corpus* da pesquisa é o livro *A cor da ternura* (1991), a fonte da pesquisa é de caráter documental, por se tratar de um documento literário. O estudo é de caráter qualitativo e predominantemente descritivo, pois tem por finalidade identificar,

descrever e analisar os elementos presentes na obra, como as relações afetivas estabelecidas entre os personagens, os temas abordados e os contextos sociais e culturais representados.

A problemática central do estudo direciona-se para a compreensão de como a obra de Guimarães representa a infância e a afetividade, considerando as dimensões sociais e emocionais da personagem principal. A pesquisa almeja descobrir as estratégias narrativas empregadas pela autora para retratar a infância, examinar as relações afetivas estabelecidas pela personagem com seus familiares e, acima de tudo, compreender o impacto dessa representação nas crianças negras. Os objetivos delineados buscam compreender não apenas como a infância e afetividade são representadas, mas também, o papel da dessa obra na formação identitária de crianças negras.

A fundamentação teórica desta pesquisa é embasada em uma variedade de autores e teorias que abordam diferentes aspectos da infância, afetividade e infância negra. Em Philippe Ariés (1983) buscamos sobre a evolução da concepção de infância ao longo da história, este que fornece um contexto histórico para compreendermos as transformações e práticas relacionadas às crianças. Além disso, as contribuições de Andréa Simone de Andrade Colin (2019) e Neil Postman (1999) nos levam a uma análise contemporânea da infância, explorando os desafios e oportunidades enfrentadas pelas crianças na era digital e globalizada.

No que diz respeito à afetividade, as teorias de Henri Wallon (1968), Nelson Piletti (2008) e Juliana de Oliveira (2022) oferecem uma compreensão aprofundada do papel crucial que as emoções desempenham no desenvolvimento infantil, desde a formação da personalidade até as interações sociais, assim como, Abigail Alvarenga Mahoney (2007) que discute sobre as teorias de Henri Wallon. Por fim, ao abordar a infância negra, nos baseamos nas obras de Carol de Andrade Ferreira de Sousa (2020), Eliane dos Santos Cavalleiro (1998) e João Batista Rodrigues (2014), que falam sobre as experiências e desafios enfrentados por crianças negras em uma sociedade marcada pelo racismo e desigualdade.

Abramovich (1997) e Calvino (2009) dialogam sobre a importância de consumir literatura, pois ela não apenas estimula a imaginação e a criatividade, mas também desempenha um papel crucial na formação de identidades e valores. Para melhor entendimento sobre a literatura infantil e juvenil dialogamos com autores como Nelly Novaes Coelho (2000), Ligia Cademartori (2007), Regina Zilberman (2005), Fernanda Abade (2013), Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007) que oferecem uma visão histórica do desenvolvimento da literatura infantil e juvenil, desde seus primórdios até as manifestações contemporâneas. No entanto, ao revisitar essa jornada, também somos confrontadas com questões complexas e muitas vezes negligenciadas, como o racismo presente em obras

consideradas clássicas. É nesse ponto que as contribuições Porciúncula (2014) ganham destaque, ao analisarem criticamente o papel da literatura lobatiana e sua representação racial.

Através de Janiele da Silva (2022) discorreremos acerca da literatura ter sido muito tempo dominado por escritores brancos, resultando no apagamento sistemático das vozes e experiências dos escritores negros. Carolaine da Silva dos Santos e Tiago Pereira dos Santos (2022) e Cristiane Veloso de Araújo Pestana (2021) falam da importância da literatura negra na desconstrução de estereótipos e na promoção da autoestima e identidade positiva das crianças negras. Maria Anória de Jesus Oliveira (2010) destaca como as obras de escritores negros, como Geni Guimarães, têm o poder de oferecer representações mais autênticas e diversas da experiência negra, promovendo a valorização da cultura negra.

Este trabalho é estruturado da seguinte forma: primeiramente investigaremos as raízes históricas e culturais que moldaram a concepção de infância ao longo do tempo, a importância da afetividade no desenvolvimento das crianças, bem como examinar como esses conceitos são percebidos e vivenciados pelas crianças negras na sociedade contemporânea. Em seguida, exploraremos a origem e evolução da literatura infantil e juvenil, a relevância da literatura infantil na promoção da infância e afetividade negras será analisada em profundidade, considerando seu potencial para oferecer representatividade, fortalecer a autoestima e proporcionar um espaço seguro para a expressão emocional e identitária das crianças negras. E por fim, analisaremos as relações afetivas estabelecidas entre a personagem principal e seus familiares, buscando compreender os sentimentos, vínculos e afetos presentes nessas relações, e como eles contribuem para a sua formação. Como também vamos explorar como as memórias de infância da personagem principal influenciam seu crescimento e jornada emocional ao longo da narrativa.

2 CONCEPÇÕES DE INFÂNCIA: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL

Ao longo da história, a concepção de infância sofreu transformações significativas. A infância tal qual conhecemos hoje só veio existir na idade moderna, quando ela passa a ser vista como uma fase importante da vida da criança, iniciando no nascimento e indo até a pré-adolescência, variando de acordo com o tempo e de acordo com as diferentes culturas em nossa sociedade. Philippe Ariés (1983) destaca que antes da idade moderna, a criança era vista como um adulto em potencial, não possuía identidade própria, detendo poucos direitos e cuidados.

Na idade média, a criança estava inserida como uma parte integrante da família, assim como, era considerada um mini adulto por parte da sociedade. Às crianças eram atribuídas papéis que hoje são destinados aos adultos, realizavam afazeres domésticos, trabalhavam como aprendizes e usavam o mesmo tipo de roupa. “[...] era portanto diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (Ariés, 1983, p.16).

Nesse período, as crianças eram retratadas nas obras medievais com características adultas, até mesmo quando recém-nascidos, o mesmo ocorre em outras culturas, crianças sendo representadas como homens de tamanho reduzido, exibiam rostos com traços marcantes e corpos musculosos.

Isso sem dúvida significa que os homens dos séculos X-XI não se detinham diante da imagem da infância, que esta não tinha para eles interesse, nem mesmo realidade. Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida. (ARIEŚ, 1983, p.53).

Não existia a ideia de infância como uma fase específica da vida dos indivíduos, dessa forma, nos séculos X e XI não se dedicava atenção a esse período, até mesmo por este ser compreendido como passageiro. No século XII ao XVII houve uma mudança significativa em relação ao tratamento dado às crianças, elas passam a ser consideradas frágeis tendo a necessidade de ser protegidas, detendo também individualidade própria.

Para Ariés (1983) é no século XVII que a infância passa a ser tema recorrente nas artes da época, sendo representadas nas pinturas, crianças desenhadas, brincando e em atividade de leitura, assim, mostrando a infância em sua forma mais tradicional. Passam também a ter roupas para sua faixa etária, distinguindo os adultos das crianças, essa introdução de vestuários próprios para crianças, acaba influenciando no modo em que a sociedade da época compreendia a infância.

Entretanto, é necessário destacar que essa mudança afetou principalmente os meninos das famílias burguesas e nobres. As meninas, por outro lado, continuaram a usar roupa que as confundia com adultas. Como Phellipp Ariés (1983) salientou: “As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, [...] continuaram a usar o mesmo traje dos adultos [...] Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos”. (ARIÉS, 1983, p.80).

No século XVIII, manifesta-se uma nova preocupação em relação à infância, referente à higiene e à saúde das crianças, o que resultou na diminuição da mortalidade infantil, uma vez que, diferente do século XVII esse cuidado não era limitado aos doentes, abrangia também as crianças em bom estado de saúde. Nesse período, houve também evolução nas práticas educacionais, “A escola confinou uma infância outrora livre em um regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato [...]”. (ARIÉS, 1983, p.271). O que ocasionou no isolamento da criança do mundo adulto.

No final do século XIX e começo do século XX, a ideia de infância se torna mais longa e estruturada, surgindo também a concepção da adolescência. Através do levantamento histórico de Ariés (1983), compreendemos que a concepção da infância sofreu transformações ao longo da história, saindo da visão em que as crianças eram tratadas como adultos em potencial para uma fase em que elas passam a receber atenção e cuidado, fazendo com que a infância se tornasse uma fase fundamental ao indivíduo.

Na sociedade contemporânea, com o avanço tecnológico a concepção de infância passa a ter um novo olhar, cada vez mais as crianças estão inseridas na era digital, novas formas de interação social, avanços tecnológicos e mudanças nas estruturas familiares influenciam o desenvolvimento infantil. A compreensão do modo de ser, pensar e agir da criança na contemporaneidade é um desafio constante, ela passa a ter livre acesso a celulares, tablets e computadores o que acaba impactando na sua infância.

Para Colin (2019) com a exposição aos meios de comunicação e internet, as crianças estão tendo livre acesso a conteúdos que não pertencem a sua faixa etária, o que as leva se distanciarem do universo infantil, assim como, para pensar na concepção de infância contemporânea devemos levar em conta o contexto em que a criança está inserida. Outro ponto discutido pela autora é que a concepção contemporânea de infância reconhece sua natureza como uma construção complexa, que é influenciada por fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Na contemporaneidade, o lúdico tem sido bastante discutido quanto a sua importância na aquisição da aprendizagem e do desenvolvimento infantil. O brinquedo é entendido como característico para o período da infância. Considera-se que o lúdico faz parte da cultura e está presente nas atividades do sujeito desde o nascimento. (COLIN, 2019, p. 45)

Com a evolução tecnológica, a cultura do brincar tem passado por transformações. Cada vez mais vem surgindo à presença de brinquedos eletrônicos, dispositivos tecnológicos e mídias digitais, impactando o modo como as crianças brincam. A influência da televisão e outros meios de comunicação na cultura lúdica são evidentes, moldando cada vez mais o comportamento das crianças, seus desejos e até mesmo suas brincadeiras. Para Postman (1999) vem ocorrendo o desaparecimento da infância. De acordo com o autor “Para onde quer que a gente olhe, é visível que o comportamento, a linguagem, as atitudes e o desejo – mesmo a aparência física – de adultos e crianças se tornam cada vez mais indistinguíveis.” (POSTMAN, 1999, p.18)

A adultização da infância, faz com que ocorra a perda da distinção clara entre o mundo adulto e infantil, muitas vezes induzida pela exposição precoce a conteúdos inadequados. É um fenômeno cultural e social que vem causando preocupações sobre o rápido amadurecimento e exposição das crianças a conteúdos que não são apropriados para a sua faixa etária. Por exemplo, as roupas das crianças que vem refletindo um estilo mais adulto, onde fazem uso de maquiagem, possuem os mesmo gostos musicais e até são expostas a letras de músicas com conotação sexual.

Esse cenário ressalta a importância de uma abordagem cuidadosa e consciente na criação e na educação de crianças, que deve levar em consideração não apenas seu desenvolvimento físico, como também, seu desenvolvimento psicológico e emocional. Além disso, ocorre a necessidade de uma reflexão mais ampla sobre como a sociedade contemporânea está lidando com a infância e como as indústrias e os meios de comunicação vêm influenciando os seus comportamentos.

Portanto, podemos notar que existem vários tipos de infância, que se distinguem a partir do contexto e cultura em que a criança faz parte, a infância de hoje não é a mesma de antigamente, ela ainda está em constante transformação. É necessário reconhecer que, além das influências tecnológicas, fatores sociais, econômicos e ambientais também contribuem para a adaptação das experiências infantis.

2.1 A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

De acordo com os estudos de Wallon (1968) a afetividade exerce uma função essencial no desenvolvimento infantil, manifestando as primeiras expressões psíquicas, sendo parte integrante de suas experiências, impactando diretamente no seu bem-estar. Através da afetividade criamos conexão com o outro, expressando por ela nossas emoções. As experiências afetivas e sociais influenciam na forma como as crianças desenvolvem suas atitudes, emoções e sensações físicas. Na perspectiva de Wallon (1968):

As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque origem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vai despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, as relações íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico. (WALLON, 1968, p, 149-150)

Para Wallon (1968), a primeira experiência que a criança tem com o meio social é através da família, esse primeiro contato é essencial para que seja estabelecida uma relação afetiva entre ambas as partes. As reações emocionais das crianças inicialmente são de caráter pessoal e expressadas de forma repentina, fazendo com que as primeiras interações que a criança tem com o ambiente sejam de caráter afetivo, fundamental ao desenvolvimento social e cognitivo.

De acordo com Mahoney (2007), Wallon separa a evolução humana em estágios, a primeira é a Impulsiva Emocional que ocorre do nascimento ao primeiro ano de vida da criança, nessa fase a criança interage com seu meio ambiente e começa a desenvolver a noção do “Eu”, a Sensório-Motor que vai de 1 a 3 anos, aqui a criança forma suas habilidades motoras e sensoriais, Personalismo indo de 3 a 6 anos, nessa fase é a partir da linguagem que ela expressa suas emoções, a Categorical de 6 a 11 anos onde as habilidades sociais evoluem e por último a Puberdade e Adolescência que ocorre a partir dos 11 anos, a criança se torna mais independente e passa gerar um senso crítico mais claro.

Em cada uma dessas fases a afetividade desempenha uma função essencial. Durante o período Impulsivo Emocional a criança é dependente de seus pais para realizar necessidades básicas, criando confiança e segurança emocional, nas seguintes fases os avanços psicológicos continuam a se desenvolver, influenciando diretamente em suas relações interpessoais.

É na infância que estabelecemos os relacionamentos afetivos, essas interações emocionais que temos com o outro acarretará na formação da capacidade de expressar e entender as emoções ao longo da vida. Os vínculos afetivos que desenvolvemos dentro das relações familiares são indispensáveis. Conforme afirma Oliveira (2022) “O afeto é a base

para que uma criança seja capaz de desenvolver qualquer tipo de sentimento, como o amor, a compreensão [...]”. Portanto a afetividade é essencial “[...] para uma boa convivência em grupo e também aqueles que interferem nessa harmonia, ou seja: há afetos positivos e afetos negativos.” (OLIVEIRA, 2022, p.21).

Segundo Piletti (2008) os relacionamentos afetivos entre pais e filhos podem ser concebidos de diferentes maneiras, podem ser afetuosos e carinhosos ou podem ser hostis, agressivos e severos. Dependendo de como forem essas experiências afetivas a personalidade das crianças pode ser moldada de maneiras diferentes, quando os pais impõem limites e ao mesmo tempo são afetuosos os filhos têm a tendência de serem submissos e dependentes. Já quando, não impõem tanto limite e são afetuosos na medida certa seus filhos serão criativos e independentes.

Os pais que se amam tendem a amar também os filhos. Estes se sentem confiantes, seguros, amantes da vida. Amar não significa dar liberdade absoluta. Existem limites para a ação individual, limites estabelecidos pelas ações dos outros. Isto é: eu sou livre, mas o outro também é livre; se vivemos juntos, devemos estabelecer conjuntamente as regras da nossa convivência. (PILETTI, 2008, p. 279)

Quando a família não é bem estruturada e não é um espaço afetivo a criança tende a ter dificuldade em estabelecer uma relação saudável com o outro. A afetividade não é somente necessária dentro das relações familiares, mas também dentro de outros contextos sociais, portanto, ela é o suporte para desenvolver relacionamento saudável, autoestima e confiança, possibilitando que a criança enfrente os desafios que lhe são impostos. É um fator primordial na evolução infantil, atuando na sua relação com o mundo e com o outro, tornando-se adultos capazes de formar vínculos afetivos, tornando-se assim decisivo na infância da criança.

2.2 QUAL É A COR DESSA INFÂNCIA?

A infância representa uma função primordial na aquisição da identidade de um indivíduo, influenciando-o ao longo de toda a sua vida. Essa consequência é particularmente significativa para as pessoas negras, que carregam consigo uma bagagem única. Quando estudamos a infância negra, necessitamos observá-la dentro de um contexto mais amplo de experiências raciais, sociais e estereótipos. Esses fatores muitas vezes criam obstáculos no desenvolvimento das habilidades das crianças negras e afetam a aquisição de sua identidade.

Quando pensamos na infância de crianças negras em relação à crianças brancas, percebemos a grande diferença entre elas, parte significativa das crianças brancas desde o nascimento têm acesso à segurança, afeto, saúde de qualidade, segurança econômica e a

educação. Em contraponto, a maior parte das crianças negras têm que aprender desde cedo a enfrentar a desigualdade educacional, poucas oportunidades econômicas, discriminação e está mais propensa a ser exposta a violência.

Criar uma criança negra é, de fato, uma tarefa árdua e muito distinta de criar uma criança branca. Enquanto a mãe da criança branca preocupa-se em dar afeto, a mãe da criança preta reza para que o filho não seja barrado pela polícia enquanto está na rua. Essa iniquidade é resultado do modo como o Brasil, historicamente, constituiu-se: firmando práticas e políticas que somente privilegiaram e ainda privilegiam pessoas brancas, e marginalizam a população negra. Além de, impedi-los de usufruir de oportunidades e direitos que possam levá-los a ascender socialmente. (SOUSA, 2020, p. 18)

A infância de uma criança negra é cheia de obstáculos, desde pequenas elas precisam se importar com os estereótipos envolvendo sua raça, aprendem como deve se portar na frente da polícia, a falar baixo para não serem rotuladas de “barraqueiras”, que não devem sair tarde à noite para não ser confundido com bandido. É como Sousa (2020) elucida acima que as mães negras vivem em constante medo de que seus filhos sejam parados pela polícia, pois sabem que o tratamento que dão em relação a eles é diferente de uma pessoa branca.

Eles não sofrem somente na rua, mas também no ambiente escolar, seja no tratamento dos colegas em relação a ele ou a diferença do tratamento dos professores. [...] são atitudes que podem ser observadas nas relações afetivas e em práticas comuns no cotidiano escolar, como quem é escolhido para ter o cabelo penteado, quem é colocado primeiro na fila, quem recebe mais elogios”. (SOUSA, 2020, p. 46).

Cavalleiro (1998), em sua pesquisa sobre a educação infantil no Brasil, observa, assim como Sousa (2020), que é possível notar que dentro da dinâmica escolar, ocorre um tratamento diferenciado e mais afetuoso em relação a criança branca, estas que estão mais suscetíveis a receber abraços, beijos e toques. Sendo bastante visível principalmente no horário de saída, a criança branca recebe beijos das professoras em uma quantidade maior que uma criança negra.

Essa diferença de tratamento não afeta somente o bem-estar da criança negra, mas também perpetua a desigualdade ao reforçar a ideologia da inferioridade dos negros. O espaço escolar acaba contribuindo para disseminação do racismo estrutural, criando um ambiente negativo e menos inclusivo. O racismo também esteve por muito tempo presente dentro dos livros didáticos e das obras literárias, que perpetuam estereótipos racistas e promoveram durante muito tempo uma visão distorcida da história e da cultura de diferentes grupos étnicos e raciais.

De acordo com Cavalleiro (1998) o silêncio dos professores em relação a descriminalização do negro nos livros didáticos prejudica o desempenho da criança e dos adolescentes negros, afetando seu desempenho escolar e sua formação identitária. Além disso, esse silêncio por parte dos professores acaba contribuindo para que os alunos brancos desenvolvam um sentimento de superioridade em comparação ao aluno negro.

Contudo, vem ocorrendo nos últimos anos um movimento para atualizar e revisar os livros didáticos, buscando uma representatividade mais inclusiva e assertiva. Incorporando diferentes perspectivas sobre os grupos étnicos e raciais, acrescentando histórias que por muito tempo foram negligenciadas e apagadas, fazendo com que seja promovida uma educação antirracista.

Outro problema é a evasão de crianças negras nas escolas, ocasionando na baixa escolaridade dos mesmos, quando analisamos a desigualdade educacional no Brasil percebemos a grande diferença entre alunos negros e brancos. De acordo com Rodrigues (2014) a taxa de evasão entre crianças negras que não concluíram o ensino fundamental é de 11%, enquanto somente 7% das crianças brancas não terminam o ensino fundamental.

A diferença educacional tem um efeito negativo na infância negra, o que torna essencial abordar essas desigualdades de forma eficaz, garantindo igualdade e oportunidades para uma educação de qualidade e um desenvolvimento saudável. A infância da criança negra, portanto, vai além das brincadeiras, descobertas e vínculos sociais, ela abrange uma lista de experiências e desafios que interferem em seu desenvolvimento psicológico e mental. Sousa (2020) nos faz indagar que:

Quando somos crianças, tudo o que queremos é fazer parte de algum grupo. Ter amigos, nos destacar, e ser alguém de quem as pessoas gostam e querem por perto, é o que nos faz sentir bem nos espaços que ocupados. No entanto, nem sempre conseguimos nos encaixar e fazer parte dos núcleos que nos cercam. A sensação de estar sempre deslocado é difícil de ser explicada por quem sofre, mas é algo muito recorrente na infância das crianças negras. (SOUSA, 2020, p. 82)

A infância de uma criança negra muitas vezes é marcada pela sensação de não pertencer a lugar nenhum, o que acaba tornando essa fase dolorosa. Pertencer a algo e sentir-se aceito e amado é vital para a formação enquanto pessoa, e quando isso não acontece faz com que criança negra cresça sem saber qual é o seu lugar no mundo. Desse modo, as desigualdades raciais que as crianças negras encontram na educação e o tratamento discriminatório dentro do ambiente escolar, são questões graves que impactam profundamente a infância negra, levando ao abandono escolar e dificultando a formação de uma identidade sólida.

3 DO PASSADO AO PRESENTE: UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil é um gênero literário voltado especialmente para crianças e jovens, tendo como objetivo entreter, educar e despertar a imaginação. Para Coelho (2000, p.27) a literatura infantil é “[...] antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”.

Os livros destinados às crianças e jovens surgem como uma forma de entretenimento e educação tendo por objetivo educar e estimular a imaginação. Sua criação remonta ao tempo em que as fábulas e histórias eram narradas oralmente, usadas para transmitir valores éticos e ensinamentos. Nesta época, não existia essa concepção de infância que conhecemos hoje. Como foi dito no início deste capítulo, as crianças eram vistas como adultos em miniaturas.

No entanto, no século XVIII a literatura infantil começa a ganhar destaque, com o surgimento de livros dedicados exclusivamente para as crianças. Um dos primeiros escritores que se destacam nesse gênero é o francês Charles Perrault, que coletava contos e lendas da idade média e os adaptava os chamados de contos de fadas, essas versões eram feitas voltadas especialmente para os interesses da burguesia, como forma de entretenimento para os seus filhos.

Os contos chegam à família Perrault através de contadores que, na época, se integravam à vida doméstica como servos. É preciso levar em conta que se trata de um momento histórico de grande tensão entre as classes. O burguês Perrault despreza o povo e as superstições populares e, como homem culto, as ironiza. Seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação de fazer uma arte moralizante através de uma literatura pedagógica. (CADEMARTORI, 2007, p. 26-27)

Perrault era um adaptador de contos populares, ele coletava os contos que eram transmitidos pelos camponeses e acrescentava detalhes que iriam agradar à classe burguesa, a qual eram direcionadas às histórias, assim como fazia uso de propósitos moralizantes, pois essas histórias “[...] não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses [...]” (CADEMARTORI, 2007, p. 27). Uma vez que, dentro dos contos adaptados por Perrault retratava em muitos deles sobre como era a vida na corte, moda feminina e outros temas, que não faziam parte dos interesses do povo. Dentro desses contos que Perrault adaptou, estão histórias que hoje são conhecidas no mundo todo, dentre eles os clássicos contos de fadas como *Cinderela*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Bela Adormecida*.

Em seguida, no século XIX surgem os irmãos Grimm, que fizeram uma nova coleta de contos e lendas populares, assim desempenhado um papel importante na popularização da literatura infanto-juvenil. Sua obra mais famosa é os *Contos de Grimm* (1812), nele estão presentes histórias como a de *Rapunzel*, *João e Maria*, *Branca de Neve*, esses contos se popularizaram pelo mundo, ganhando adaptações no cinema, televisão e teatro. Entretanto para Cademartori (2007) os responsáveis por definirem um padrão para a literatura infantil foram Hans Christian Andersen, Lewis Carroll, Frank Baum e James Barrie, eles moldaram a literatura infantil com sua forma de criar narrativas cativantes.

No Brasil, a literatura infantil chega na metade do século XIX. Na visão de Zilberman (2005) é através de Carl Jansen, Figueiredo Pimentel e Olavo Bilac que ocorre o pontapé inicial na formação de uma literatura infantil brasileira, em razão de que, sem esses autores demoraria um pouco mais o surgimento de uma literatura exclusivamente dedicada às crianças brasileiras. Carl Jansen, logo percebeu, que no Brasil não tinha livros didáticos adequados para os estudantes da época, portanto, começou a traduzir os clássicos dos contos de fada para preencher essa lacuna. Figueiredo Pimentel no final do século XIX publicou os *Contos de Carochinha* (1894) onde podemos encontrar traduções dos contos de fada de autores como Perrault, os irmãos Grimm e Christian Andersen, como também, acrescentou histórias de origem portuguesa e narrativas orais transmitidas pelas escravizadas.

Porém, é no início do século XX que alguns autores começaram a se dedicar à literatura infantil, mas quem marcou a literatura infantil no Brasil nesse período foi Monteiro Lobato. O primeiro livro lançado pelo autor foi "*A menina do nariz arrebitado*" (1920) o que se tornou um grande sucesso, sendo adotado nas escolas. Esse livro deu início à série de livros *Sítio do pica-pau amarelo*, onde foi introduzida a personagem Narizinho e os demais personagens do sítio.

Dez anos depois de seu primeiro empreendimento literário na área da literatura infantil, Lobato remodela a história original de Narizinho e a reúne a algumas outras que escrevera até então. O texto resultante constitui as *Reinações de Narizinho* que, em 1931, dá início à etapa mais fértil da ficção brasileira[...]. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 45)

Lobato possuía um profundo nacionalismo, fazendo que incorporasse o folclore brasileiro em suas obras, o que até então não tinha recebido visibilidade. Um exemplo notável é "*O Sítio do Pica-Pau Amarelo*", que aborda questões sociais, como é a vida no campo e traz uma variedade de lendas folclóricas, incluindo a Cuca, o Saci Pererê, Caipora, Curupira, Iara e o Minotauro, figuras importantes do folclore brasileiro que permearam a nossa infância.

Entretanto, Lobato recebeu diversas críticas de como os personagens negros eram representados em suas obras, perpetuando estereótipos racistas. Um exemplo é a tia Nastácia, personagem do “*Sítio do pica-pau amarelo*” retratada na obra como uma mulher submissa, sempre a disposição para servir e em algumas passagens dos livros o autor usa a cor da pele para se dirigir a personagem, assim como, a personagem Emília se referir a tia Nastácia chamando-a de “negra beijuda”. Como podemos ver nesse trecho: “— Pois cá comigo — disse Emília — só aturo essas histórias como estudos da ignorância e burrice do povo [...] Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como tia Nastácia [...]”. (LOBATO, 1955, p. 30).

Não podemos negar a importância de Lobato para a literatura infantil, porém, não podemos deixar de reconhecer e tecer críticas sobre o racismo em suas obras, visto que, é necessário discutir esse assunto. Uma vez que “A aversão à raça negra não aparece somente nas falas de Emília, mas também nas enunciações do narrador Lobatiano, onde é perceptível a ligação entre o negro e a monstruosidade [...]”. (PORCIÚNCULA, 2014, p. 171). No período Lobatiano dedicaram-se também a literatura para crianças autores como José Lins do Rego com seu livro as “*Histórias da velha Totônia*” (1936), Viriato Correia com “*Cazuza*” (1938), Graciliano Ramos com “*A terra dos meninos pelados*” (1939) e “*Alexandre e outros heróis*” (1944), Érico Veríssimo em “*As aventuras do avião vermelho*”.

Nos anos 70 e 80 aconteceu uma revolução na literatura infantil brasileira, sendo, caracterizados pelo aumento expressivo de autores, títulos e pela transformação dos padrões narrativos e visuais, esse período ficou conhecido como o “boom da literatura infantil”. Segundo Abade (2013) a literatura infantil nesse período distanciou-se do recorte pedagógico e abordou temas considerados tabus, refletindo a realidade urbana e as questões sociais, como poluição, separação dos pais, violência policial, preconceito racial e uso de drogas. Autores renomados, como Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Lygia Bojunga Nunes, Chico Buarque e outros, destacam-se nas décadas de 70 e 80, explorando gêneros como ficção científica e mistério policial.

Outra característica encontrada nos livros dessa época é o fato de ser mais contestadora, pois envereda pela temática urbana representada pela burguesia enriquecida pela modernização, focalizada no Brasil atual, e seus impasses e crises. Assim, as obras tematizavam a pobreza, a miséria, a injustiça, a marginalização, o autoritarismo, o preconceito. Os livros eram, por isso, mais amargos, os finais nem sempre eram felizes. (ABADE, 2013, p. 12)

Ao tematizar esses assuntos os autores buscavam trazer para a literatura infantil uma reflexão mais crítica sobre a sociedade brasileira, mostrando aos leitores as dificuldades e os

obstáculos do mundo ao seu redor. Essa abordagem mais realista e muitas vezes “amarga”, como dita pela autora, representa uma quebra na tradição de finais sempre felizes da literatura infantil. Ao explorar desfechos menos otimistas, os autores desse período procuravam uma visão mais realista da vida, incentivando a reflexão e a compreensão dos desafios que as crianças podem enfrentar nos diferentes contextos sociais.

Nos anos 80, a representação na literatura infantil, especificamente para crianças negras, começou a ganhar mais visibilidade, mas ainda havia uma lacuna significativa, no entanto, à medida que a sociedade evoluiu, a literatura infantil também passou por uma transformação notável, hoje temos acesso a histórias que refletem a diversidade étnica. Autores contemporâneos, como Sônia Rosa, Davi Nunes, Lázaro Ramos, Geni Guimarães e Rodrigo França, este com seu livro o “*Pequeno Príncipe Preto*” (2020) releitura da obra de Antoine de Saint-Exupéry são escritores que se destacam ao criar narrativas que não apenas representam a experiência negra, mas também abordam temas universais, promovendo a compreensão intercultural.

3.1 A RELEVÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NA PROMOÇÃO DA INFÂNCIA E AFETIVIDADE NEGRA

É a partir da literatura que nos tornamos seres reflexivos, quando lidas desde a infância ela irá contribuir para a formação da personalidade e da mente. Para Abramovich (1997) ao ter contato com os personagens, ilustrações e narrativas, as crianças desenvolvem seu senso crítico e social, sendo introduzidas no mundo da imaginação, uma janela se abre, transportando-as para outros lugares, tempo e culturas. Fazendo com que sintam “emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem - estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais [...]”. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

Na infância é essencial que tenhamos contato com a literatura infantil e juvenil, ela nos ensinará aspectos fundamentais sobre a vida e a existência humana, indo além de um mero entretenimento, ela nos leva a lidar com bem mais que os finais felizes dos contos de fadas, ensina também sobre a dor da perda, a falta de amor, a dureza da vida. Para Calvino (2009), a literatura é:

[...] a maneira de olhar o próximo e a si próprios, de relacionar fatos pessoais e fatos gerais, de atribuir valor a pequenas coisas ou a grandes, de considerar os próprios limites e vícios e os dos outros, de encontrar as proporções da vida e o lugar do amor nela, e sua força e seu ritmo, e o lugar da morte, o modo de pensar ou de não pensar nela; a literatura pode ensinar a dureza, a

piedade, a tristeza, a ironia, o humor e muitas outras coisas assim necessárias e difíceis[...]. (CALVINO, 2009, p. 12-13)

Consumir literatura na infância possibilita que a criança crie memórias afetivas e molde sua identidade. É importante que desde cedo os pais realizem leituras para seus filhos, assim, facilitará a criação de um vínculo afetivo. Esse momento irá além de um momento educacional e formará nesse momento uma conexão emocional entre ambos. Possibilitará também que a criança se sinta representada, já que ela se enxerga naquilo que está lendo.

A literatura brasileira no geral pertenceu durante muito tempo somente à hegemonia branca, tendo sua presença marcada no cânone brasileiro, enquanto, autores negros foram silenciados e negligenciados. Um dos motivos foi à influência europeia que refletiu nas escolhas das obras e autores que ganharam destaque. Esse apagamento é reflexo do racismo enraizado na nossa sociedade.

A formação do cânone literário atribui-se a partir da preferência por um determinado grupo de escritores que possuem os mesmos ideais de nacionalismo, além de características estereotipadas no que diz respeito à raça, ao gênero, à classe social e ao estilo literário, formando um certo padrão, um modelo a ser seguido. Por esta razão, muitos artistas tiveram suas obras desvalorizadas e até mesmo esquecidas, uma vez que eles não se encaixavam no padrão imposto pelo cânone literário brasileiro. (SILVA, 2022, p. 13)

Por muito tempo o cânone brasileiro privilegiou somente homens brancos, héteros e de classe sociais privilegiadas, enquanto, marginalizou escritores negros, mulheres, pessoas LGBTQIA+ e autores que escrevem sobre temas que eram considerados tabus na época. É no fim do século XIX e começo do século XX que escritores como Luiz Gama, Lima Barreto e Cruz e Souza começa a ganhar espaço no cenário literário, porém, “[...] apesar de terem seus textos conhecidos, os autores não se encaixavam no padrão estético-literário estabelecido e, por este motivo, suas obras não eram consideradas canônicas.”. (SILVA, 2022, p. 14).

No século XIX, é importante destacar também Maria Firmina dos Reis primeira escritora a publicar um romance no Brasil. Seu livro *Úrsula* (1859) é considerado também o primeiro romance abolicionista da época, ela foi uma voz na luta contra a escravidão. No século XX, a escrita negra feminina continua a prosperar, surgem no mercado literário autoras que se tornaram nomes importantes para a literatura negra: Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzales, Geni Guimarães e Conceição Evaristo, esta última surgindo somente no final deste século.

Na década de 70, surgem os Cadernos Negros para bater de frente com a hegemonia branca que até então dominava o cânone brasileiro, autores negros ganharam espaço para publicar suas obras, recebendo visibilidade que não tinham até então, contribuindo para

resgatar as narrativas que foram marginalizadas e estereotipadas na literatura brasileira, não só na literatura tradicional, mas também em todas as formas de conceber a literatura.

Podemos observar que nas últimas décadas cada vez mais autores negros vem emergindo e conquistando espaço no cenário literário, a literatura negra tem ocupado um espaço significativo durante os últimos anos. O aparecimento de autores negros na literatura infantil e juvenil se deu pelo fato de que a maioria das histórias infantis não englobava a diversidade étnica e cultural do país. Ao analisarmos as representatividades negras presente nos livros escritos por autores brancos podemos notar que o negro na maioria das vezes apresentam características estereotipadas, está no lugar de subalterno, perigoso, criminoso e como alívio cômico.

Na trajetória da literatura infantil brasileira prevaleceu a “tradição” de expressar um olhar preconceituoso e inferiorizado face ao segmento negro, recortando-se e privilegiando a ideia de “vencidos” pelo segmento branco, preterindo-se as resistências, as lutas, conquistas. Essa literatura, portanto, não só denunciou, mas, sobretudo, demarcou e perpetuou funções e ações desempenhadas pelos segmentos considerados “superiores”, de ascendência branca e os demais, vistos como inferiores: negros e índios. (OLIVEIRA, 2010, p. 53).

Esse modelo é o que fortalece a discriminação racial, contribuindo com a visão de que pessoas negras são inferiores, dessa forma, marginalizando essa comunidade. De acordo Sousa (2020) é na infância que as crianças moldam sua identidade, é a partir das influências negativas e positivas vividas por elas, desempenha um papel importante na sua identidade cultural, assim como, a falta de representatividade de pessoas negras, pode impactar negativamente o imaginário de crianças negras.

[...] apesar do aumento nas publicações que possuem a presença de personagens negros, são edições que em sua maioria não repercutem na criança a sensação de protagonismo. Ainda são frutos de um racismo estrutural que vigora na sociedade, apesar da negação da desigualdade étnico-racial, uma vez que esta se evidencia nas ações e produções sociais. A concepção de que a simples inserção de personagens negros gera a representatividade no campo literário é incongruente, a conjuntura em que o personagem está inserido, suas atribuições e o ideário relacionado à sua aparição no ato literário são aspectos cruciais para estabelecer uma relativa representatividade. (SANTOS; SANTOS, 2022, p.29)

A representatividade na literatura infantil e juvenil no geral ainda é muito pequena, a presença de personagens negros muitas das vezes é feita de maneira superficial e de forma rasa, sem nenhum tipo de profundidade, sendo assim, é necessário que sejam colocados com individualidade própria, sem estereótipos. As relações negras afetivas retratadas na maioria das obras de autores brancos são quase nulas, os personagens infantis estão dentro de famílias

desestruturadas, retratados em situação de extrema pobreza e na qual muitas das vezes a figura paterna não se faz presente.

No entanto, é necessário reconhecer a contribuição de alguns escritores brancos na construção de narrativas mais inclusivas, esses autores têm demonstrado uma abertura em sua escrita para discutir sobre as questões raciais, apresentando personagens de diferentes origens étnicas de maneira autêntica e respeitosa. Reconhecendo a importância da diversidade e dispostos a se educar, criando histórias que fogem dos estereótipos prejudiciais e contribuindo para uma representação mais rica e fiel. Como exemplo, temos Valéria Belém com seu livro “*Cabelo de Lelê*” (2007) que retrata uma protagonista negra, que inicialmente não gosta do seu cabelo e busca compreender por que ele é daquele jeito, e ao se deparar com histórias sobre seus afrodescendentes, ela descobre a diversidade de cabelos entre mulheres negras, fazendo com que ela entendesse suas raízes e passa a amar seus cabelos. Esse tipo de narrativa não apenas desafia estereótipos, mas também promove uma mensagem positiva sobre aceitação e autoestima.

Geni Guimarães escritora negra objeto de estudo desse trabalho é um exemplo de como é ir contra a esse tipo de escrita, em *A cor da ternura* (1991) ela vai em contraponto ao retratar a presença da afetividade nas relações familiares, aqui há também uma presença paterna que é cheia de afeto, a família da personagem Geni não possui recursos financeiros, mas nem por isso são retratados na extrema pobreza. A relação familiar é fundamental também para a infância da personagem, esta que é retratada com muita sensibilidade, permitindo que o leitor acompanhe a evolução da infância de Geni. Para Oliveira (2010) na obra de Geni Guimarães:

[...] há afetividade, algo tão incipiente em grande parte das produções que apresentam personagens negros. Há a ascensão profissional, uma família negra carente de recursos financeiros, mas nem por isso desumanizada. Há sonhos, lutas, conquistas, embates profissionais, discriminações raciais e os existenciais vivenciados pela protagonista. O escudo, a chave, a esperança e realização resultam do estudo, do afincamento e determinação de Geni. Eis, aqui, o pequeno exemplo de uma obra de décadas atrás que, a nosso ver, precisa ser revisitada, analisada, pois permanece atual e universal. (OLIVEIRA, 2010, p. 273-274).

Dentro da literatura infantil negra temos também nomes como Madu Costa, Kiusam de Oliveira, Cidinha da Silva, Joel Rufino dos Santos, e tantos outros. Esses autores contribuem para oferecer para as crianças a chance de se verem nas histórias que leem, além disso, trazem em suas obras temas relevantes para a comunidade negra, identidade, ancestralidade e

valorização da cultura negra. Como também, denuncia em suas narrativas o racismo enraizado em nossa sociedade.

Podemos afirmar que a Literatura infantil com temática étnico-racial é sim uma literatura reflexiva que busca empoderar seus pequenos leitores. Quando um livro traz personagens negros envolvidos em conflitos identitários, problemas de socialização e aceitação, e quando estes personagens conseguem superar tais conflitos e no fim se tornam pessoas mais felizes, ele está transmitindo claramente uma mensagem de otimismo, reconhecimento e valorização, ou seja, tudo o que o povo negro precisa para se empoderar e ser feliz. (PESTANA, 2021, p.7)

Portanto, isso mostra o quanto é importante ser representado, olhar para aquele personagem e se enxergar naquelas histórias. As crianças negras ao consumirem literatura escrita por autores negros vão ter contato com obras que apresentam vivências parecidas com as suas, sentindo-se representadas e valorizadas, promovendo uma afirmação cultural e afetiva, necessária para desenvolver o emocional e o psicológico.

4 O NASCER DE UMA VOZ LITERÁRIA

Geni Mariano Guimarães nasceu no dia 8 de setembro de 1947 na cidade de São Manuel - SP, ela é a décima primeira filha entre doze irmãos, oriundos da união de Sebastiana Rosa de Oliveira e Benedito Mariano de Camargo. Passou a estudar aos cinco anos após mudar-se para uma fazenda localizada em Barra Bonita - SP, onde estudou entre 1954 a 1962, tornando-se professora ao concluir o curso de magistério no colégio de Barra Bonita.

Lançou seu primeiro livro em 1979, *O terceiro filho*, marcando o início de sua carreira literária. Ivaldo Ferreira Guimarães seu marido a incentivou na carreira de escritora, financiando juntos a publicação de seu primeiro livro, vendendo o carro da família. Nos anos 80 começa a se aproximar do movimento Quilombhoje, fazendo assim, com que em 1981 publicasse dois poemas na antologia de número 4 dos Cadernos negros e no mesmo ano seu segundo livro de poesia "*Da flor ao afeto*".

Com o tempo ela passa a se dedicar à literatura infante e juvenil, publicou através da Fundação Nestlé o livro *Leite do Peito* em (1988), no ano seguinte lança seu maior sucesso *A cor da ternura* (1989) o que lhe rendeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen. Os dois livros são de caráter autobiográfico, a autora relembra suas vivências enquanto criança até se tornar mulher, suas dores e alegrias. Em 1993 de forma independente lança o livro *Balé das emoções*, coletânea de poemas que é relançado em uma nova edição pela editora Malê em 2021. Em seguida veio *A dona das folhas* (1995), *O rádio de Gabriel* (1995), *Aquilo que a mãe não quer* (1998). Após lançar *Aquilo que a mãe não quer* (1998), Geni Guimarães ficou em intervalo durante vinte anos, e é em 2019 que ela retorna ao cenário literário com o livro *O pênalti* (2019) e em (2020) lança *Poemas de regresso*.

4.1 ENTRE PALAVRAS ESQUECIDAS: O REENCONTRO DA ESCRITORA COM A ARTE

Geni Guimarães é uma das autoras negras que contribuiu para diversificar as vozes na literatura brasileira, sua escrita oferece perspectivas e experiências que muitas vezes são negligenciadas na literatura legitimada pela crítica. Ela desafiou e desconstruiu estereótipos relacionados à população negra, pois em suas obras ela apresenta personagens negros complexos e multifacetados, que vão além dos estereótipos negativos que são atribuídos às pessoas negras aquilo que se convencionou chamar de cânone da literatura brasileira.

Promove a identidade e o orgulho negro, assim como, celebra a cultura, a história e a experiência afro-brasileira, inspirando leitores negros a se reconhecerem e valorizarem sua

herança cultural. Esse período que ela ficou sem publicar foi uma perda enorme para a literatura, uma vez que, sua ausência significou a falta de diversidade e representatividade, a ausência de uma voz importante na promoção da identidade negra e uma perda potencial de progresso e evolução na literatura brasileira, mas agora ela está de volta para retomar seu lugar de direito na literatura negra brasileira.

Na transmissão do lançamento do livro *Poemas de regresso* (2020) que aconteceu pelo youtube, realizado através do canal da Editora Malê, responsável pela publicação, ela nos conta o motivo dessa ausência. Geni Guimarães relata que passou por um período de grande sofrimento após a morte de seu esposo a deixando deprimida e sem lembrar-se de sua identidade como escritora: “eu não me lembrava mais que eu era escritora, eu não sabia que eu era escritora foi assim um processo de sofrimento terrível né eu fiquei depressiva.”. (EDITORA MALÊ, 2020).

É após encontrar um de seus livros antigos, ela lentamente se lembrou de sua paixão pela escrita “Mexendo aqui na minha biblioteca eu achei meu livro Terceiro filho daí eu li Geni Guimarães daí eu me lembrei que eu era escritora”, com o tempo ela volta vagarosamente a escrever, porém, lamenta “fiquei 15 anos né sem escrever, 15 anos ausente de mim foi uma coisa assim violenta mas estou em pé por desaforo”. (EDITORA MALÊ, 2020). Esse momento de reconexão com sua produção literária desempenhou um papel fundamental em sua trajetória, inspirando-a a voltar à prática da escrita.

No entanto, é crucial destacar o longo período de ausência que Geni Guimarães enfrentou em sua trajetória como escritora, como ela mesma fala, foram “15 anos ausente de mim”, essa ausência não foi apenas uma questão de inatividade, mas sim uma perda de identidade, como descrito por ela. Essa experiência de se sentir desconectada de sua própria voz e de sua paixão pela escrita é uma realidade compartilhada por muitas mulheres negras, cujas vozes são frequentemente silenciadas ou marginalizadas pela indústria literária dominante.

E mesmo diante de todas essas dificuldades, Geni Guimarães demonstra resistência e determinação em sua declaração: “estou em pé por desaforo”, essa expressão mostra sua superação em face da adversidade, sua recusa em ser definida pelas limitações que foram impostas a ela. O “desaforo” em sua fala não é apenas uma atitude desafiadora, mas também um ato de afirmar sua existência e sua voz em um contexto que tenta silenciá-la.

Essa pausa feita pela escritora nos faz indagar se não tem um motivo que vai além de suas questões pessoal/ individual, levanta a questão sobre possíveis desafios enfrentados por autores negros no contexto histórico da literatura, uma vez que, a literatura foi por muito

tempo dominado somente por autores brancos, com pouca representatividade de escritores negros. Essa falta de diversidade reflete também no mercado editorial, em que muitos escritores negros enfrentam dificuldades para terem suas obras publicadas e valorizadas no mercado literário.

Geni Guimarães, possivelmente, tenha enfrentado desafios adicionais ao tentar publicar suas obras, sendo que, a falta de oportunidades e a desvalorização do trabalho de escritores negros podem ter contribuído para a sua ausência no cenário literário durante esse período. Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são exemplos de autoras negras que também tiveram que enfrentar desafios semelhantes, uma vez que, “As mulheres sofreram ao longo da história um processo de silenciamento e exclusão.” (SCHOLZE, 2002, p. 175)

Carolina Maria de Jesus, autora de *Quarto de Despejo* (1960), viveu em condições extremamente precárias e teve suas obras inicialmente rejeitadas por editoras, a falta de reconhecimento limitou sua produção literária, logo, após o sucesso de *Quarto de Despejo* (1960) a escritora sofreu dificuldades para publicar novos livros, pois ela retratava em seus escritos a realidade da favela e a vida marginalizada das pessoas negras, o que não era considerado um tema atrativo para o mercado editorial na época.

Conceição Evaristo, por sua vez, é uma escritora contemporânea que também enfrentou dificuldades em sua carreira. Apesar de sua obra ser aclamada pela crítica e reconhecida internacionalmente, ela teve que lutar para conquistar espaços de visibilidade, sua primeira publicação ocorreu tardiamente, aos 44 anos de idade. Em entrevista à CartaCapital (2017), ela compartilhou suas reflexões sobre a representatividade negra na literatura e nas instituições culturais, destacando as dificuldades enfrentadas por escritores negros para terem suas obras reconhecidas e divulgadas. Ela enfatiza a importância de criar espaços de visibilidade e oportunidades para escritores negros, tanto em termos teóricos quanto práticos, e ressalta a necessidade de uma abordagem mais inclusiva e diversificada dentro do cenário literário brasileiro.

Portanto, ao analisarmos as trajetórias de escritoras como Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Geni Guimarães, observamos não apenas os desafios individuais que enfrentaram, mas também os obstáculos estruturais e sistemáticos que continuam a afetar a representatividade e a visibilidade de escritores negros no Brasil. Suas histórias de resistência e superação destacam a importância da luta coletiva por uma sociedade mais inclusiva e igualitária, onde todas as vozes possam ser ouvidas e valorizadas. Essas escritoras não se deixaram definir por suas dificuldades, mas, em vez disso, as desafiam e celebraram sua identidade e voz.

4.2 ALICERCES: AFETO PARA CRESCER

A representação de infâncias negras vem ganhando cada vez mais destaque dentro da literatura infantil e juvenil especialmente em obras escritas por autores negros, logo, a importância de reconhecimento e valorização racial vem crescendo na contemporaneidade. Essas narrativas oferecem às crianças e adolescentes a oportunidade de se identificarem com personagens que compartilham suas origens étnicas, estimulando um senso de pertencimento e autoestima.

Nesse cenário, a obra *A cor da ternura* (1991), se apresenta como um recurso valioso para analisar a infância e as vivências afetivas de crianças negras. O presente tópico tem por objetivo analisar como a infância e a afetividade estão sendo representadas dentro do livro, aprofundando-nos nas complexidades das experiências das crianças negras. Pretende-se investigar como a identidade da personagem é construída, suas relações afetivas e sua infância, bem como compreender quais desafios e vivências em torno de crescer sendo uma criança negra.

Em *A cor da ternura* (1991) conhecemos Geni, personagem central da história, uma menina negra com uma imaginação fértil e uma inteligência notável que vive em uma comunidade rural no Brasil. A história descreve sua infância até ela se tornar mulher, ela relembra momentos importantes de sua vida. O livro é distribuído em 10 capítulos, sendo eles: “Primeiras lembranças”; “Solidão de vozes”, “Afinidades: olhos de dentro”, “Viagens”, “Tempos escolares”, “Metamorfose”, “Alicerce”, “Mulher”, “Momentos cristalinos” e “Força flutuante”.

Uma das primeiras memórias trazidas pela autora é quando a personagem relembra a infância quando se sentava entre as pernas da mãe, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava os seios e mamava. A mãe também demonstra carinho ao cuidar dos cabelos da personagem e ao responder suas perguntas. A conversa entre as duas mostra o afeto presente, em que a filha pergunta se a mãe gosta dela e a resposta afirmativa é acompanhada de um gesto de abrir o braço, representando o tamanho do amor, ao observar essa interação entre mãe e a filha, é possível perceber não apenas o diálogo verbal, mas também os gestos e ações que demonstram carinho, cuidado e proximidade emocional entre elas.

Minha mãe sentava-se em uma cadeira, tirava o avental e eu ia. Colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava seus seios e mamava em pé.

Ela aproveitava o tempo catando piolhos da minha cabeça ou trançando-me os cabelos. Conversávamos, às vezes:

- Mãe, a senhora gosta de mim?

- Ué, claro que gosto filha.

- Que tamanho? – Perguntava eu.

Ela então soltava minha cabeça, estendia os braços e respondia sorrindo:

- Assim.

Eu voltava ao peito, fechava meus olhos e mamava feliz.

Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços. (GUIMARÃES, 1991, p.9)

A amamentação desempenha um papel crucial no desenvolvimento inicial de um vínculo afetivo entre mãe e filho, conforme proposto por Wallon (1968), a afetividade é fundamental para o desenvolvimento humano, e é constituída a partir das interações com o meio social. O ato de amamentar é o primeiro laço que uma mãe cria com seu filho, proporcionando-lhe conforto e segurança desde o início de sua vida, porém, é importante reconhecer, de acordo Silva (2023) que apesar dos benefícios da amamentação tanto para a mãe quanto para a criança, nem todas as mulheres têm acesso por igual a esse privilégio, muitas mulheres negras enfrentam alguns desafios para manter essa prática, sendo, elas ligadas a fatores socioeconômicos e estruturais.

Como também, o ato de trançar o cabelo de uma criança negra pode ser um momento íntimo e carinhoso, compartilhado entre mães, avós, filhas e irmãs fortalecendo os laços familiares. Para Maria Rita Rolim (2021) as tranças têm uma história ancestral significativa, foram utilizadas como ferramenta de sobrevivência durante o período escravocrata, sendo, utilizadas como mapas para os quilombos e até mesmo como meio de transporte de sementes para serem plantadas em locais de refúgio. Ele é carregado de significados históricos, culturais e sociais, representando resistência, identidade e também uma fonte de sustento para muitas pessoas negras.

Devemos ressaltar que a relação afetiva entre mãe e filha é fundamental para o desenvolvimento emocional e psicológico de qualquer criança, no entanto, quando olhamos através do contexto de crianças negras, essa relação de afeto pode ser ainda mais significativa, uma vez que, o afeto e o amor demonstrados pela mãe ajudam a criança a se sentir valorizada e amada, o que é essencial para o seu emocional, contribuindo significativamente para a construção de uma autoestima positiva e o fortalecimento da identidade racial da criança.

Além disso, como mencionado por Borges (2021) a maternidade negra é frequentemente marcada pela sobrecarga de responsabilidade, uma vez que, muitas mulheres negras, além de serem chefes de família, lidam com a falta de creches e políticas de apoio à maternidade. Fazendo com que a criação dos filhos acabe sendo responsabilidade também da comunidade, refletindo uma ética de cuidado coletivo presente nas tradições ancestrais africanas.

À medida que a história avança a personagem Geni, que antes era o centro das atenções de sua família, se vê agora tendo que dividir esse amor com seu irmão recém-chegado:

Lombriga coisa nenhuma. Eu tinha era saudade. Saudade dos meus detalhes perdidos. Do meu colo, da minha comida servida na boca. Do meu espaço para perguntar besteiras, como diziam eles. Dos olhares carinhosos. (GUIMARÃES, 1991, p. 24)

Essa mudança na dinâmica familiar não passa despercebida por Geni, que questiona se o amor de sua mãe por ela permanece inalterado. Ela começa a sentir que sua importância diminuiu desde a chegada do irmão mais novo, e esses sentimentos acabam resultando em sua falta de apetite e vontade de dormir. Isso destaca como a mudança em sua dinâmica familiar afetou em sua percepção de afetividade e amor. Porém, com o passar do tempo, ela começa a entender que a chegada do irmão não muda a relação com sua família, o que permite criar um laço afetivo com ele.

- Eu pensei que você não ligasse pra mim. Deus que me perdoe, mas eu até achava que você era cego por dentro. Desculpa. Sempre fui meio besta mesmo. Mas, daqui por diante, nem vou ficar triste se os grandes não tiverem tempo. Vou sempre falar com você ou com minha aranhinha, se você estiver dormindo. Se você também precisar dela, está às ordens. (GUIMARAES, 1991, p. 32-33)

Inicialmente, observarmos uma ligação profunda entre Geni e sua mãe, onde a figura materna representa segurança, conforto e amor incondicional, no entanto, quando seu irmão surge ela desenvolve um sentimento de intrusão. A chegada do irmão pode parecer ameaçar a relação exclusiva que ela tinha com a mãe, fazendo com que temesse perder o amor e a atenção que antes eram atribuídos somente a ela. Assim, com o tempo ela aprende que a chegada do irmão não significa o fim do amor e do vínculo com sua mãe, muito pelo contrário, ela percebe que é capaz de compartilhar o amor materno e que o surgimento de novos membros na família pode trazer novas formas de interação e afeto.

Então através desse momento de cuidado e afeto, a personagem percebe que a chegada do irmão não afeta sua relação com a família e se compromete a estar sempre presente para ele. A cena é descrita de forma sensível, transmitindo a intimidade e a conexão emocional entre os personagens. A descrição do hálito morno e do perfume de primeira vez pode representar a sensação de carinho e segurança que o gesto trouxe para ela. Esse diálogo e interação carregam um significado profundo, mostrando a importância do afeto, da comunicação e principalmente do acolhimento.

Outro aspecto que devemos analisar é a relação de Geni com seu pai que diferente de tantos outros personagens negros na literatura infantil, ele possui a presença constante dentro

das relações familiares. Dentro do cenário literário “[...] prevalece a ausência do pai nas narrativas, e alguns protagonistas não o conhecem. São criados só pela mãe, sendo que algumas morrem, deixando os filhos entregues ao mundo [...]”. (OLIVEIRA, 2003, p. 7)

Os pais negros são frequentemente retratados de maneira estereotipada e negativa na sociedade brasileira. Essa representação distorcida contribui para a percepção equivocada de que eles são ausentes nas relações familiares. Historicamente, a imagem do pai negro foi construída a partir de estereótipos racistas, que os associam a violência, irresponsabilidade e abandono, o que acaba sendo reforçadas pela mídia, que muitas vezes retrata os pais negros apenas como figuras ausentes ou negligentes.

A ideia de que os pais negros são ausentes dentro das relações familiares é um estereótipo prejudicial que perpetua a desigualdade racial e reforça a discriminação. É importante reconhecer e valorizar a diversidade de experiências parentais, rompendo com essas representações negativas e promovendo uma visão mais inclusiva e justa dos pais negros na sociedade brasileira. Eles desempenham um papel fundamental na formação da identidade e no desenvolvimento emocional e social das crianças.

Portanto, o pai de Geni é retratado como um pai presente, trabalhador e provedor de sua família. O motivo que leva a personagem a querer ser professora surge em uma conversa entre os dois, ao questionar o pai sobre o que uma mulher pode estudar ao fim desse diálogo ela afirma “É pai. Vou ser professora.” o motivo é que ela “Queria que ele se esquecesse das durezas da vida.”. (GUIMARÃES, 1991, p. 72).

A afetividade entre ambos é demonstrada no momento como ele a esperava quando saía da escola, demonstrando estar orgulhoso de quem ela está se tornando. Em uma das cenas, os dois encontram o administrador da fazenda em que o pai de Geni trabalha, que ao escutar a conversa, dispara:

— Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e a gente mesmo...

A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.

— É que eu não estou estudando ela pra mim— disse meu pai. — E pra ela mesmo. (GUIMARÃES, 1991, p. 73)

No diálogo apresentado, é possível observar a presença de fortes laços afetivos entre o pai e a filha. O pai demonstrando um apoio incondicional ao desejar que a filha estude, mesmo diante das opiniões contrárias do administrador da fazenda. Ele se destaca como uma figura insurgente ao desafiar as normas sociais e hierarquias quando confronta o

administrador da fazenda. Nesse contexto, ele é um subalterno e pertence a uma classe social menos privilegiada, sua posição de insurgência ganha ainda mais destaque, especialmente quando considerando a dimensão racial, em que ele é negro e o administrador é branco, sua ação desafia não somente as expectativas que são impostas socialmente, mas também as estruturas de poder baseadas na raça.

Então, ao expressar seu desejo de que a filha estude, ele não apenas demonstra amor e preocupação pelo futuro dela, mas também desafia a concepção patriarcal do papel do pai como provedor material, sem envolvimento emocional ou responsabilidade no desenvolvimento educacional dos filhos. Ele se posiciona como um pai ativo, interessado no bem-estar e no futuro da filha, enfatizando que o estudo não é para ele, mas sim para o bem da filha, demonstrando assim um amor profundo e preocupação com o futuro dela, mostrando para nós leitores um vínculo afetivo forte e protetor que ambos possuem. Geni, por sua vez, sente-se tocada pela afirmação do pai, chegando a se emocionar com suas palavras, a emoção que ela sente reflete o amor e o apoio que ele lhe oferece.

Em outra parte do livro vemos o orgulho que ele demonstra ao ver a filha formada, a cena é descrita de forma sensível, poética e delicada, que conseguimos sentir a emoção que a autora quis transmitir.

De novo, meu pai ficou em pé, desatou o nó da gravata e assumiu postura de rei. Para melhor me ouvir, esqueceu a etiqueta, fez conchas com as mãos e envolveu as orelhas.

As formalidades todas terminaram. Fui até eles para voltarmos juntos.

Eu, princesa, entreguei meu certificado ao rei, que o embrulhou no lenço de bolso e passou a carregá-lo como se fosse um vaso de cristal.

[...]

-O senhor queria alguma coisa, pai?

- Estou vendo onde foi que guardei o danado do diploma. Vou dormir com ele debaixo do travesseiro que é pra sonhar sonho bonito. (GUIMARÃES, 1991, p. 85-86)

A cena descrita no trecho revela uma forte conexão emocional entre pai e filha. O orgulho do pai ao ver a filha formada é evidente, expresso através de gestos simbólicos como desatar a gravata e assumir uma postura de realeza. O pai guarda o certificado da filha como se fosse um tesouro precioso, simbolizando o valor que ele atribui à conquista da filha. Essa relação afetiva entre pai e filha mostra um vínculo de amor e orgulho mútuo. O pai se alegra com a conquista da filha e a filha valoriza o reconhecimento e apoio do pai. Esse diálogo reforça a importância dos laços familiares e da afetividade na construção da identidade e no desenvolvimento pessoal, uma vez que, “Quando amamos, expressamos cuidado, afeição, responsabilidade, respeito, compromisso e confiança.”. (HOOKS, 2021, p.40).

Ele compreende que o ato de estudar não é apenas uma conquista individual, mas também um símbolo de superação para toda a família e comunidade. Ao investir na educação dela, ele está contribuindo para uma transformação social maior, proporcionando que ela alcance sucesso e realização que talvez ele mesmo não teve a oportunidade de conseguir. Essa consciência dele sobre o significado do estudo para Geni reflete um senso de responsabilidade e comprometimento com seu futuro, assim, a relação entre ambos vai além do vínculo familiar, tornando-se um símbolo de resistência e superação.

Após explorar as relações afetivas entre mãe, filha e pai, é possível perceber como esses vínculos afetivos detém um papel fundamental no desenvolvimento emocional e psicológico da personagem. A maternidade, o cuidado com os cabelos e o apoio à educação são aspectos que destacam a importância do afeto e do amor dentro desse núcleo familiar, além do mais, a chegada de um novo membro à família, é um elemento essencial para a construção desses laços afetivos. Portanto, agora vamos nos aprofundar na infância da personagem e como as experiências vividas por Geni moldaram sua percepção de si mesma e de suas relações com o mundo ao seu redor. Vamos explorar como essas memórias da infância influenciam o crescimento e a jornada emocional da personagem ao longo da narrativa.

A personagem Geni demonstra um imaginário rico e uma capacidade de sonhar e se aventurar, mesmo em uma atividade aparentemente simples como balançar. Mostrando como a infância é um período de criatividade e imaginação, em que as crianças podem criar seu próprio mundo e explorar diferentes possibilidades. “No balançar, eu ia para lugares que elas nem podiam imaginar que existiam e que poderiam conhecer. Quantas e quantas vezes fui para São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Minas [...]”. (GUIMARÃES, 1991, p. 42).

Além disso, Geni não se limita a sonhar com lugares distantes. Ela também desenvolve a capacidade de se comunicar com os animais, imitando os sons de pássaros locais e interpretando as mensagens de cães, gatos, cavalos, formigas e baratas. Sua capacidade de sonhar a torna ainda mais excepcional desenvolvendo até amizade com uma aranhinha que lhe dá conselhos.

- Todo mundo sabe brincar. Até os grandes. Eu brinco de tanta coisa! De ver, de falar com as crianças, de gargalhar com os olhos, você sabe do que falo.
- Sei. Nunca na vida pensei que você fosse tão sabida. Me ensinou num instantinho essas coisas de ver.
- A aranhinha remexeu-se.
- A Conversa está boa, mas preciso ir.
- Você vai embora agora que a gente.... (GUIMARÃES, 1991, p. 30)

A aranhinha torna-se uma confidente, e suas conversas revelam a profundidade da imaginação de Geni e a sabedoria que ela adquire por meio desse relacionamento inesperado. Este trecho da obra de Geni Guimarães destaca como sua narrativa nos convida a enxergar o mundo com olhos de criança, valorizando a capacidade de sonhar, imaginar e criar conexões com o inesperado. Em primeiro lugar, a criança se vê como parte integrante do mundo, sem saber distinguir entre ela mesma e o ambiente ao seu redor, o que faz com que a conexão com figuras como a aranhinha se torne essencial, pois ela proporciona um vínculo significativo que ajudará a criança a compreender sua relação com o mundo.

Desde muito cedo, Geni sabe sua cor de pele negra e de como isso a diferencia de uma pessoa branca. Ao perguntar “- Mãe, se chover água de Deus, será que sai minha tinta? - Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai.”. (GUIMARÃES, 1991, p. 10). Ela expressa de forma consciente sua percepção de raça, demonstrando também a inocência da pergunta, ao mesmo tempo, nos revela a profundidade da questão, o que nos faz questionar como a percepção social e cultural da identidade racial são transmitidas de geração em geração. A resposta de sua mãe, apesar de ser em forma de brincadeira, reforça a ideia de que a cor da pele é uma característica imutável.

No entanto, o fato de Geni perguntar isso em primeiro lugar sugere que ela estava tentando entender por que ela era diferente das outras pessoas. As crianças são expostas desde cedo às diferenças raciais e começam a perceber e questionar essas distinções, muitas vezes antes mesmo de compreenderem completamente o significado delas. O que torna essa curiosidade um reflexo da influência que a sociedade e cultura têm sobre a formação da identidade racial.

Outra situação enfrentada por Geni ocorre no capítulo intitulado “Metamorfose”, no qual Geni escreve um poema em homenagem à Princesa Isabel, expressando sua admiração por ela, a professora, que inicialmente dá pouca importância ao poema de Geni, eventualmente permite que ela o leia em sala de aula. No entanto, o dia em que Geni leria o poema se torna uma experiência traumática para ela. A professora faz um discurso sobre a Princesa Isabel que não condiz com o que Geni sabe sobre a história da princesa.

Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.

Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!.. (GUIMARÃES, 1991, p. 65)

A fala da professora descreve os negros como medrosos e submissos, o que deixa Geni se sentindo inferiorizada, fazendo com que ela seja alvo de pena e sacarmos. Geni percebe uma grande diferença entre a narrativa que Vó Rosália compartilhou sobre seus ancestrais, que eram descritos como pessoas boas, simples, humanas e religiosas, e a representação racial negativa que encontra na escola. Geni, ao escutar essa versão, se sente diminuída, o que a leva a questionar a veracidade das histórias que ouviu, entrando em conflito com a representação positiva de Vó Rosália, e a representação racial negativa de sua professora.

A narrativa de Chimamanda Ngozi Adichie sobre *O Perigo de uma História Única* (2017) relaciona-se com a experiência de Geni na escola e em sua jornada de autodescoberta, uma vez que, ao examinar como as histórias moldam percepções e identidades, Adichie nos lembra da importância de reconhecer a diversidade de narrativas dentro de uma mesma cultura ou comunidade. Ao longo do texto, ela destaca a importância de contar e ouvir diversas histórias, ela enfatiza como histórias podem tanto desumanizar quanto capacitar as pessoas, dependendo de quem as está contando e a partir de que propósito. Portanto, as histórias “[...] podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.” (ADICHIE, 2019, p.16).

Após a experiência humilhante na escola, Geni tenta remover sua negritude esfregando a pele com pó retirado de uma mistura que era usada para tirar o carvão da panela. Esse ato simboliza uma forma de autonegação, onde ela tenta apagar sua identidade racial para se adequar aos padrões da sociedade, no entanto, essa tentativa resulta somente em feridas físicas e emocionais. Ao tentar apagar sua identidade racial, Geni está se submetendo a um ato de autonegação, influenciada pela narrativa única que a escola e a sociedade impuseram a ela.

Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.[...]

Quando cheguei em casa, minha mãe, ao me ver toda esfolada, deixou os afazeres, foi para o fundo do quintal, apanhou um punhado de rubim e, com a erva, preparou um unguento para minhas feridas.

Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens. (GUIMARÃES, 1991, p. 69)

No geral, a obra de Geni Guimarães oferece uma representação rica e complexa das experiências emocionais, raciais e familiares de Geni. Ela destaca a importância do afeto, da auto aceitação e do enfrentamento do preconceito racial na construção da identidade e na

formação da autoestima. Através das experiências vividas pela personagem, a obra nos lembra de que os eventos passados deixam marcas duradouras na nossa vida, elas não apenas moldam a maneira como nós vemos, mas também tem influência em nossas interações com o mundo ao nosso redor.

A obra *A Cor da Ternura* (1991) apresenta a afetividade como um elemento vital na construção das relações familiares, a sensibilidade na abordagem dos laços familiares e o destaque para o afeto reforçam a importância do amor e do cuidado. Quando se trata de famílias negras, tais narrativas se potencializam dada uma visão estereotipada, que a literatura, por exemplo, tem trazido sobre tais contextos. Geni Guimarães rompe com padrões e apresenta uma visão mais inclusiva e enriquecedora das relações familiares negras e da identidade racial. Assim como, mostra a infância como um estágio crucial de aprendizado e de formação da identidade, mostrando a importância do afeto, da compreensão e do apoio familiar para a construção de uma base sólida no crescimento de crianças negras.

4.2.1 POR UMA INFÂNCIA NEGRA MAIS PRÓXIMA

Geni Guimarães em sua narrativa retrata de forma realista crianças negras, fugindo dos estereótipos construídos ao longo dos anos pela nossa sociedade. A primeira criança que aparece na obra é nossa protagonista Geni, a autora não descreve suas características físicas, mas em sua narrativa deixa claro que se trata de uma criança negra. Ao longo da obra conseguimos perceber que em vez de ocupar um espaço marginalizado, Geni se torna protagonista de sua própria história, ocupando um lugar de destaque na sociedade.

Devemos lembrar novamente que a obra é uma autobiografia, portanto, a ênfase da narrativa é na vida de Geni. Ao longo da narrativa, a protagonista passa por um processo de autoconhecimento e autocompreensão, em que enfrenta desafios e descobre aspectos importantes sobre si e sobre sua identidade. Geni Guimarães usa sua própria história para dar voz às crianças negras, a história de Geni é um reflexo de sua própria experiência, além da protagonista Geni, a escritora preenche suas histórias com outros personagens negros, como seu irmão mais novo, Zezinho, suas irmãs Arminda, Cecília, Diva, Cema e seu irmão mais velho Dirceu, entre outros. Para Maria Anória de Jesus Oliveira “*A Cor da ternura*”:

[...] diferentemente das demais, delineia uma face do “ser negro” destituído dos preconceitos aludidos anteriormente. E isso não implica a caracterização de protagonistas idealizados, mas, sim, diferenciados, exercendo diversos papéis sociais prescindindo-se, assim, da cristalização de um único olhar acerca dos mesmos. Eis o grande diferencial em *A cor da ternura*, obra literária que, assim, se aproxima dos ideários da Negritude (sentido estrito), ao inovar e ressignificar não só a função, mas, também, a tessitura do

segmento negro entrelaçada na trama. Nesse aspecto, a obra corrobora para afirmar identidades negras vilipendiadas na trajetória de nossa literatura infanto-juvenil. (OLIVEIRA, 2010, p. 67-68)

Notavelmente, a autora adota uma abordagem que foge de estereótipos ao não atribuir características físicas específicas a essas crianças, permitindo que os leitores enxerguem além da superfície. É interessante observar que, na narrativa, Cema é apresentada de maneira que sugere que ela é uma criança com necessidades especiais. “Perguntei, chorei, insisti, mas a Cema continuou comendo torrões e soltando a baba lamacenta pelos cantos da boca. No desespero havia esquecido que ela era excepcional, meu poema bobo.”, (GUIMARÃES, 1991, p. 15).

Geni Guimarães desafia as convenções ao representar uma criança negra com deficiência, desafiando não apenas os estereótipos raciais, mas também os estereótipos relacionados a pessoas com necessidades especiais. Cema, ao longo da história, não é definida por suas limitações, mas é retratada como um indivíduo único e valioso.

Haveria na certa uma reunião no céu entre santos e santas, anjos e anjas..
 Não. Anjos e anjas não. Crianças não opinam, não decidem nada. Nem votam. Ah! Mas se eles pudessem...
 Se pudessem, seria fácil. Eu mesma conhecia vários anjinhos...
 A Tilica¹, que morreu de lombriga aguada, a Luzia², que morreu de buchovirado, o Jorge³, que morreu de cair no poço..
 É. E tinha mais ainda e, por sorte, todos da minha cor. (GUIMARÃES, 1991, p.63)

No trecho apresentado, a autora destaca e desafia um padrão comum não só na literatura, mas em todo tipo de manifestação artística: a representação de anjos como crianças brancas. Em vez de apresentá-las como criança branca como frequentemente é feito, a autora revela que eram na verdade crianças negras. Esse tipo de representação desafia e altera os estereótipos culturais e padrões estabelecidos, rompendo com a ideia limitada de que os anjos devem ser apenas brancos. Ela menciona crianças falecidas e suas causas de morte, em que utiliza expressões populares que fazem referência a condições médicas ou acidentes que eram comuns em contextos rurais e muitas vezes ligadas à falta de acesso a cuidados médicos adequados, e que se fossem anjos, ajudariam a tomar decisões, no entanto, Geni observa que as crianças, não têm voz, opinião ou voto.

Ao relacionar a imagem dos anjos às crianças falecidas, a narradora destaca uma mudança na percepção dessas figuras, o trecho também chama a atenção para as desproporções sociais e de saúde que mantêm as crianças negras em vulnerabilidade nos diversos contextos. Dentro da narrativa Geni Guimarães enfatiza a importância de abordar não

apenas a representação positiva e inclusiva, mas também as questões estruturais que impactam desigualmente as comunidades racialmente marginalizadas.

Em suma, essa representação diversa e complexa na literatura infantil e juvenil é fundamental para fortalecer a identidade das crianças negras, o que acaba permitindo que elas se reconheçam nesses personagens. *A Cor da Ternura* (1991) contribui para a construção de uma identidade positiva e empoderada ao mostrar que as crianças negras não são definidas por estereótipos, mas sim por suas histórias individuais e suas capacidades únicas.

4.2.2 FAMÍLIA, COMUNIDADE E ESCOLA

Esse tópico tem por objetivos analisar como a família, comunidade e a escola são representadas na obra. Quando olhamos para as relações familiares presente em obras de escritores brancos percebemos que muitas vezes são retratados como pessoas que não possuem escolaridade, desestruturada e que vivem na extrema pobreza. Diferente da família de Geni que é apresentada como amorosa e unida, revelando um forte senso de apoio e orgulho nas conquistas de Geni. Além disso, são trabalhadores rurais e conseguem manter a família com dignidade, não passando por situações de escassez nem de miserabilidade. Essa representação desafia os estereótipos negativos frequentemente associados às famílias negras na literatura infanto-juvenil brasileira.

A relação entre Geni e sua mãe é destacada como especialmente próxima e admirativa. Geni tem grande admiração pela beleza de sua mãe, o que mostra a importância da figura materna em sua vida como vemos nessa passagem, “Ela era linda. Nunca me cansei de olhá-la. [...] Quando me pegava no flagra, bebendo seus gestos, esboçava um riso calmo e curto [...]” (GUIMARÃES, 1991, p.13).

Dentro da dinâmica familiar cada um exercia uma função, alguns ajudavam nos afazeres domésticos e no cuidado com as crianças, enquanto outros auxiliavam nas atividades da fazenda. A família é o alicerce dela, os familiares desempenham um papel fundamental em sua formação enquanto pessoa, recebe deles afeto e apoio.

Indiquei-lhes o lugar onde deveriam ficar e fui ocupar o meu, entre os formandos. De onde estava, vi-os todos, incomodados nos trajes de missa. Vez em quando, encorajava-os com um riso. Meu pai, ao lado de minha mãe, estava pleno, altivo, sereno. Com os olhos, acompanhava todos os meus movimentos, engolindo salivas de prazer. Minha mãe me bebia através dos ares do meu pai, que, embevecido, ajeitava a gola da camisa, propositalmente, me segredando que estava feliz.

Fui chamada para receber o certificado. Eles, meus pais, não puderam conter só as palmas. Levantaram e me aplaudiram em pé. Mãos abertas, barulhentas, livres.

Meus irmãos, contagiados, perderam a timidez e também se puseram em pé, me aplaudindo e apontando, como se só eu estivesse ali, como se no momento eu estivesse me apossando da chave do céu. (GUIMARÃES, 1991, p 77)

Essa cena enfatiza o apoio emocional, a felicidade e o orgulho que a família expressa diante da realização pessoal de Geni, destaca o valor que o apoio familiar possui, e a importância do reconhecimento e do suporte familiar. Em *A cor da ternura* (1991) podemos destacar que:

É possível constatar que *A cor da ternura* dá um salto grande ao exprimir, através do universo imerso em fantasia e ludicidade da protagonista Geni, um “Mundo” constituído de dúvidas, medos, ciúmes, esperteza, delicadeza e amor, em face dos impasses da “Vida” de uma criança que olha e sente o mundo com os “olhos de dentro”. Diante disso, pode-se inferir que a “cor” da “ternura” é “negra”. Negros são seus pais e irmãos. Nestes, Geni encontra afeto e esclarecimentos. Naqueles – quer dizer, nos pais –, Geni encontra ainda amparo, acalento e “sabedoria” para se descobrir e, assim, lutar contra as adversidades da “Vida”. (OLIVEIRA, 2003, p.14)

Já a comunidade em que Geni cresceu desempenha um papel fundamental na formação de sua identidade e no desenrolar da narrativa. Ela é retratada como um espaço de apoio e solidariedade, cercada por membros que se ajudam e amparam em momentos de dificuldade. Um desses membros é Dona Chica Espanhola, que desempenha um papel de destaque, “O pai foi buscar a dona Chica Espanhola. A mãe está deitada. - A dona Chica Espanhola?? - perguntei apavorada. [...] Ela vai ajudar o nosso nenê a nascer.”. (GUIMARÃES, 1991, p 18). Ela representa a força da comunidade, buscando valorizar as tradições e práticas locais, como o ato de benzer, destacando a importância da cultura e das relações dentro da comunidade.

No dia seguinte, minha mãe começou a receber visitas. O pessoal da redondeza vinha conhecer a criança trazendo presentes. Aproveitavam a ocasião para agradecer minha mãe por ter, com benzimentos e remédios caseiros, curando os seus filhos de lombriga, bucho- virado ou mesmo quebranto. Traziam galinhas gordas, amarelas, brancas e rajadas. [...]

Todo dia, desde cedo, a mulherada aparecia. Traziam sabonete, talco e metros de pano para as roupinhas do nenê. (GUIMARÃES, 1991, p 20-22)

A presença dessas mulheres trazendo presentes para a mãe e para o bebê evidencia um senso de comunidade e solidariedade. Esse gesto de ajuda e apoio entre membros da comunidade, principalmente em ocasiões como essa, destaca a importância dos laços comunitários e das práticas culturais de cuidado e acolhimento. Além disso, esse trecho evidencia a valorização de práticas tradicionais, como os benzimentos e remédios caseiros, na

cura de doenças comuns na comunidade, demonstrando a confiança e a reverência pela sabedoria e conhecimentos tradicionais.

Ao resgatar os valores civilizatórios afro-brasileiros, percebemos que a afetividade é o elo que nos une dentro de uma perspectiva de nos aproximarmos enquanto povo, repensando existências que foram subjugadas e criando laços onde a diversidade e multiplicidade que existem em cada um de nós serão fundamentais para a criação de uma nova humanidade. Uma humanidade sem racismo, que preza o respeito, a convivência e o diálogo. (SILVA, 2020, p.55-56).

Nesse sentido, *A Cor da Ternura* (1991) elucida a importância dos laços que envolvem uma comunidade, suas práticas culturais de cuidado e acolhimento. A partir desses gestos vemos como a solidariedade auxilia o bem-estar de uma pessoa, especialmente como descrito acima, visto que, o nascimento de um bebê é um momento de vulnerabilidade, especialmente para uma mulher negra.

Outra figura importante para essa comunidade é Vó Rosária, apresentada como uma mulher que trabalha numa fazenda vizinha, cuja idade e razões para morar ali são desconhecidas. Sua presença é respeitada e admirada, já que sua vivência e conhecimento se revelam essenciais para a comunidade.

Nhá Rosária era uma velha senhora negra, que morava noutra fazenda com uma família de fazendeiros. Nunca ninguém soube porque morava com aquela família, nem qual sua idade certa. Uns diziam que tinha 98 anos, outros, 112. (GUIMARÃES, 1998, p. 49).

Quando olhamos nas entrelinhas desse texto, percebemos uma complexa relação entre Nhá Rosária e a fazenda, o que acaba levantando questões sobre seu papel e posição naquele ambiente. Há indícios de que ela pode estar ali por razões relacionadas à história da escravidão, a discussão sobre a idade de Nhá Rosária e a relação mencionada com o “dono da fazenda” sugerem uma possível conexão histórica com a escravidão. Percebemos também que através do temor dela ir embora e não contar mais histórias da escravidão aponta que as narrativas de Nhá Rosária sobre a escravidão são significativas para a comunidade, demonstrando sua importância como uma detentora das memórias e tradições.

A verdade é que, quando a Vó Rosária – assim a chamávamos – chegava, já vinha acompanhada de toda a criançada. Todos queriam ouvi-la contar tão lindas e tristes histórias. Foi assim que naquele dia, quando vó Rosária sentou-se, quase empurrada pela garotada, minha mãe apressou meu penteado para nos juntarmos aos outros para poder ouvi-la. (GUIMARÃES, 1998, p. 49).

Essa cena transmite a importância que essa figura tem para essa comunidade, conhecimento e cultura que ela repassa por meio das histórias que conta, essas narrativas são fundamentais para o legado cultural e social de uma comunidade. A presença da Vó Rosária e

o interesse das crianças em ouvir suas histórias ressaltam a influência e o encanto das tradições orais, que desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão de experiências, sabedoria e valores ao longo das gerações.

A escola pode ser analisada através de dois momentos, o primeiro enquanto Geni ainda era aluna e quando ela retorna ao espaço escolar como professora. No primeiro contato de Geni com a escola ela se depara com uma situação em que a abordagem da professora parece ser mais autoritária e impositiva. Ela pede que os alunos desenhem cobras (acentos gráficos) e, ao notar que a narradora não fez o desenho, a pressiona e exige uma explicação imediata, sem considerar o estado emocional da personagem.

- Bem - disse a professora. - Agora vamos parar de fazer pauzinhos. acho que todos vocês conhecem cobra, não é? Então. Vamos desenhar cobrinhas. Sentir vontade de contar para ela que minha mãe sabia benzer picadas de cobras. Que um dia...
Deus me livre! Nunca teria coragem de interrompê-la. Além do mais, ela também devia saber. Era professora.[...]
- Por que você não fez?
Dei um pulo na carteira. Meu coração começou a bater na garganta.
- Explique, vamos! - gritava ela. Olhe aqui o dele. - Pegou o caderno de um menino que estava sentado na carteira ao lado e colocou na minha cara, diante dos meus olhos. - Tudo certinho. Só você não fez. por quê?
-A cobrinha ... - eu queria explicar.
As lágrimas começaram a sair e o soluço me prendia a voz. (GUIMARÃES, 1991, p. 54)

Olhando pelas entrelinhas da citação podem sugerir a análise de dois aspectos distintos: o método de ensino da professora e uma possível disparidade no tratamento de uma criança branca em comparação com a narradora, que é negra. O método reflete uma abordagem tradicional, impositiva e autoritária, esse tipo de abordagem, muitas vezes associado à chamada “educação bancária” de acordo com a teoria de Paulo Freire (1987), é caracterizado pela transmissão unilateral de conhecimento do professor para o aluno, em que o professor detém todo conhecimento e os alunos são tratados como recipientes vazios e que nada sabem.

E em relação ao tratamento dado pela professora nos faz indagar se a narradora fosse uma criança branca, a abordagem da professora seria mais compreensiva. Isso se baseia na observação de como a narradora se sente incapaz de compartilhar seus conhecimentos sobre benzeduras de cobras devido a sua posição racial, assim como, a autoridade da professora. Existe a sugestão implícita de que a narradora sente medo de ser mal compreendida ou tratada de maneira diferente devido à sua origem étnica.

Em outro momento Geni retoma ao âmbito escolar como professora, dentro desse espaço ela vai enfrentar novos desafios, esse novo contexto apresenta nuances complexas que

exigem uma abordagem sensível e empática. Ao enfrentar olhares duvidosos e ser confrontada por uma aluna branca em relação à cor de sua pele, nossa protagonista busca desarmar essas percepções por meio da empatia, respeito e paciência, essa abordagem entra em contraste com a rigidez de sua antiga professora.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas.

Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão "para simples conferência". Soou o sinal de entrada e meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados. Só uma menina clara, linda, terma, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.

- Eu tenho medo de professora preta - disse-me ela, simples e puramente.

Tanto medo e doce misturados desarmaram-me. Procurei argumentos. [...]

- Por favor. Deixe que possamos nos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la.

A diretora aceitou minha proposta e saiu apressada.

Vi, então, que era muito pouco tempo para provar a tão nova gente minha igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir.

Eu precisava. Precisava por mim e por ela. (GUIMARÃES, 1991, p 87)

Neste trecho, a personagem descreve o momento em que retorna ao ambiente escolar, agora como professora, ela se vê submetida a olhares duvidosos e desconfiada por parte da diretora e das mães presentes, que cochicham e parecem questionar sua presença. Essas atitudes implícitas deixam claro que a personagem, por ser uma professora negra, enfrenta desconfiança e julgamento baseados em preconceitos raciais.

A situação torna-se mais desconfortável quando uma das alunas dela, descrita como “branca, linda, terna”, expressa seu medo de maneira simples e direta, afirmando que tem medo de professora preta. Essa expressão franca do medo por parte dela, embora seja uma reação direta e sincera, desarma a personagem, que se vê sem argumentos para lidar com a situação. A diretora da escola conversa com Geni para mudar a aluna de sala, porém, ela se nega. A personagem queria mostrar para a aluna que elas eram iguais, fazendo com que ela rejeitasse a ideia de diferenças baseadas na cor da pele, demonstrando que ambas mereciam respeito e oportunidades.

- Gostaria que você entrasse na classe depois. Assim você senta na minha Cadeira e toma conta da minha bolsa enquanto eu trabalho.

Saí sem esperar resposta. Medo.

Logo mais retornamos à sala de aula.

Ela sentou na minha cadeira, colocou seu material ao lado do meu. "Precisei" de uma caneta. Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca.

Durante a aula pedi que levantasse a mão quem soubesse desenhar.

Todos levantaram as mãozinhas. Constatei. Ela também sabia.

Desenhou um cachorro retangular e sem rabo.

- Seu cachorro é uma graça - desenhe rindo. - Ele não tem rabo?

- Não é meu. É da minha avó. Quando meu avô bebe e fica bravo, ele corre e enfia o rabo no meio das pernas.
Baixou a cabeça e pintou o cachorro de azul. (GUIMARÃES, 1991, p, 90)

No trecho apresentado, Geni, aborda a situação de maneira diferente do convencional, ela tenta conquistar o afeto da aluna fazendo que ela perca o medo de professora preta. Percebemos também, que a abordagem usada por Geni é diferente da sua professora, a diferença principal entre as duas abordagens está na postura das professoras em posição de liderança na sala de aula. Enquanto Geni mostra uma interação mais casual e também respeitosa à criança, além de paciente e compreensiva ao processo de desenvolvimento infantil ao fazer um comentário amigável sobre o desenho, e a aluna responde de maneira criativa, sobre o porquê de desenhar o cachorro daquela forma, criando assim uma atmosfera de respeito e empatia, reconhecendo que seus alunos têm conhecimentos próprios e únicos para compartilhar. Fazendo com haja um contraste com a abordagem mais rígida e formal descrita na interação com a professora quando a narradora era aluna.

Essa obra se destaca ao apresentar de forma autêntica e sensível a dinâmica familiar que é retratada como uma fonte de apoio, amor e orgulho, a comunidade como um espaço de apoio, união e tradição e a escola como um ambiente de aprendizado e interação que pode ao mesmo tempo ser um lugar de desigualdade, como também pode romper com discriminações, preconceitos e com o racismo. A autora desafia narrativas preconceituosas e estabelece a importância do apoio emocional, tradições culturais e relações empáticas em contextos educacionais e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatamos através dessa análise como é importante que as vivências de pessoas negras sejam contadas por elas mesmas, estes oferecem uma visão mais íntima e autêntica das complexidades da identidade racial. Geni Guimarães ao explorar as relações afetivas, envolvendo famílias negras, traz à tona a necessidade de dar voz e espaço para que essas vivências sejam compartilhadas e compreendidas, pois é essencial que as narrativas sejam contadas por aqueles que as vivenciam, só assim poderemos romper com os estereótipos atribuídos aos negros.

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender também a concepção de infância, especialmente no contexto das crianças negras, e reconhecer a importância da afetividade em seu desenvolvimento. Ao analisarmos como a infância é retratada em *A Cor da Ternura* (1991), identificamos as relações afetivas entre a personagem principal e seus familiares, bem como os sentimentos e vínculos presentes nesses relacionamentos. Constatamos como essas representações influenciam a formação da identidade das crianças negras, considerando os aspectos sociais, culturais e emocionais presentes em sua narrativa.

É crucial ressaltar que a literatura infantil e juvenil detém um papel fundamental na construção de uma infância mais inclusiva e diversificada, ao oferecer representações que reflitam a realidade de diferentes grupos étnicos e culturais. Explorando a origem da literatura infantil e juvenil destacamos a relevância da representação da infância negra nesse universo literário, especialmente no que diz respeito à promoção da afetividade. É através desse tipo de narrativas, que crianças negras podem encontrar personagens com os quais se identifiquem e se sintam valorizados.

Portanto, em *A cor da Ternura* (1991) de Geni Guimarães, nos mostra a importância de representar a infância e a afetividade de pessoas negras. Por meio da protagonista Geni, observamos as relações que permeiam a vida da personagem, como o apoio de sua família, a partir da conexão com seu pai, mãe e irmãos, compreendemos como esses laços são essenciais para a sua construção identitária. Além disso, a comunidade e a escola também desempenham um papel fundamental nesse processo, logo, o livro nos convida a refletir sobre a importância das relações afetivas e do apoio familiar e comunitário.

REFERÊNCIAS

- ABADE, Fernanda. **Literatura infantil como processo emancipatório na obra abrindo caminhos, de Ana Maria Machado**. 2013. 34 f. Monografia (Especialista) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997. Disponível em: <https://doceru.com/doc/x1vxvs>. Acesso em: 19 jul. 2022.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução: Juliana Romeu. [S. l.]: Companhia das Letras, 2019.
- ARIÉS, Phelippe. **História social da criança e da família**. Tradução: Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1983.
- BORGES, Charlene. **Maternidade negra, ética de cuidado coletivo e políticas públicas**. [S. l.]: Geledes, 2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/charlene-borges-maternidade-negra-etica-de-cuidado-coletivo-e-politicas-publicas/>. Acesso em: 29 jan. 2024.
- CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Editora brasiliense, 2010.
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **DO SILÊNCIO DO LAR AO SILÊNCIO ESCOLAR: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. 2018. 240 f. Dissertação (Mestre em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- COELHO, Nelly Novais. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000. Disponível em: <https://doceru.com/doc/x0esn5x>. Acesso em: 19 jul. 2022.
- COLIN, Andréa Simone de Andrade. **PERCEPÇÕES DA INFÂNCIA NA CONTEMPORANEIDADE: a escuta de educadores formadores de uma rede municipal de ensino**. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação sexual) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara-SP, 2019. Disponível em: https://agendapos.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/5220.pdf. Acesso em: 14 set. 2023.
- CONCEIÇÃO Evaristo: “A invisibilização paira sobre o sujeito negro”. [S. l.]: CartaCapital, 25 jul. 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/conceicao-evaristo-a-invisibilizacao-paira-sobre-o-sujeito-negro/>. Acesso em: 28 jan. 2024.
- Editora Malê. Lançamento de Poemas do Regresso de Geni Guimarães | FLIN 2020. Youtube, 21 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D3Ts7HtNfLM>. Acesso em: 26 out. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**. Ilustração: Saritah Barbosa. 5. ed. São Paulo: FTD, 1991.
- HOOKS, Bell. **Todo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução: Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Tadeu Breda, 2021.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História e histórias**. 6. ed. São Paulo: Editora ática, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de tia Nastácia**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. Introdução. *In*: MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (org.). **Henri Wallon: Psicologia e Educação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil no Brasil e em Moçambique (2000 – 2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes**. 2010. 301 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa - Paraíba, 2010.

OLIVEIRA, Juliana de. **A afetividade na educação infantil: um estudo bibliográfico na perspectiva de Henri Wallon**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Sílvia Adriana Rodrigues. 2022. Dissertação (Mestre em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas -MS, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufms.br/retrieve/9ba94bf7-cb7c-4cdd-b076-956bf0e1959a/Juliana_Oliveira.pdf. Acesso em: 7 set. 2023.

PESTANA, Cristiane Veloso de Araújo. A literatura afro-infantil: representação e representatividade. **Literafro**, Minas Gerais, 2019. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/criticas/Artigo_Cristiane_literatura_afro-infantil.pdf. Acesso em: 15 set. 2023.

PILETTI, Nelson. **Psicologia educacional**. 17. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.

POSTMAN, Neil. Quando não havia crianças. *In*: POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Suzana Menescal de Alencar Carvalho, José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PORCIÚNCULA, Rafael Fúculo. **As ideias raciais na obra de Monteiro Lobato: ficção e não ficção**. 2014. 202 f. Dissertação (Mestre em Letras -Literatura Comparada) - Programa de Pós Graduação em Letras – Mestrado do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2668?show=full>. Acesso em: 14 set. 2023.

SANTOS, Carolaine da Silva dos; SANTOS, Tiago Pereira dos. **O papel da representatividade na literatura infantil afro-brasileira num quilombo aguabranquense**. 2022. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em pedagogia) - Universidade Federal de Alagoas- UFAL/Campus do Sertão, DELMIRO GOUVEIA – AL, 2022.

SILVA, Jacqueline Maria da. **Amamentação Negra: mães contam os desafios raciais do aleitamento materno**. [S. l.]: Agência Mural, 2023. Disponível em: <https://www.agenciamural.org.br/amamentacao-mulher-negra/>. Acesso em: 28 jan. 2024.

SILVA, Janiele da. **A invisibilização de escritoras negras no cânone literário brasileiro**. 2022. 39 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Letras Portugêses) - Instituto Federal do Espírito Santo, Venda Nova do Imigrante - ES, 2022.

SILVA, Gisele Rose da. **Azoilda Loretto da Trindade: o baobá dos valores civilizatórios afro-brasileiros**. 2020. 163 f. Dissertação (Mestre em Relações Étnico-Raciais.) - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2020.

SOUSA, Carol de Andrade Ferreira de. **A cor da minha infância**. Florianópolis: [s. n.], 2020.

SCHOLZE, Lia. A mulher na literatura: gênero e representação. In: DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERA, Kátia da Costa (org.). **Gênero e representação na Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Pós graduação em Letras Estudos Literários: UFMG, 2002. p. 174-182.

RODRIGUES, João Batista. **Racismo e evasão escolar**. 2014. 49 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105138/000940781.pdf>. Acesso em: 19 set. 2023.

ROLIM, Maria Rita. **Tranças: além da estética uma forma de sobrevivência**. [S. l.]: Em Pauta, 2021. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/empauta/trancas-alem-da-estetica-uma-forma-de-sobrevivencia/#:~:text=As%20tran%C3%A7as%20de%20cultura%20africana,econ%C3%B4mia%20para%20muitas%20pessoas%20negras>. Acesso em: 29 jan. 2024.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da infância**. Tradução: Ana Maria Bessa. São Paulo: Persona, 1968.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.